



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Processos Psicológicos Básicos

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Aferindo Atitudes Explícitas e Implícitas de Brasileiros Frente a Refugiados

Conrado Estevão Ijanc Neto

Brasília/DF, fevereiro de 2023



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Processos Psicológicos Básicos

Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento

Aferindo Atitudes Explícitas e Implícitas de Brasileiros Frente a Refugiados

Conrado Estevão Ijanc Neto

Orientadora: Prof^ª. Dra Natalia Maria Aggio

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Comportamento, Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Ciências do Comportamento

Brasília/DF, fevereiro de 2023

Comissão Examinadora

Prof^a. Dra Natalia Maria Aggio (Presidente)

Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr Julio Cesar Coelho de Rose (Membro Efetivo)

Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR)

Prof^a. Dra Laércia Abreu Vasconcelos (Membra Efetiva)

Universidade de Brasília (UnB)

Prof^a. Dra Raquel Maria Melo (Membra Suplente)

Universidade de Brasília (UnB)

Esta pesquisa foi desenvolvida no Laboratório de Aprendizagem Humana, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, Processo 88887.637127/2021-00.

Agradecimentos

Este trabalho não seria possível sem a competência, atenção, dedicação e paciência de minha orientadora Prof^ª. Dra Natalia Maria Aggio, a quem agradeço e reverencio. Muito obrigado pelo suporte e também pela confiança.

Meu obrigado às amigas de supervisão e orientação, especialmente à Aline Picoli, pelas horas compartilhando seu conhecimento, me ajudando nas disciplinas ou apenas sendo uma feliz companhia no curso deste mestrado. Aliás, especialmente no cenário das supervisões e do conhecimento que gentil e generosamente foi dividido comigo, incluo novamente minha orientadora. Estou certo que era mais difícil para vocês entenderem minhas dúvidas, que para mim entender suas claras, incansáveis e cuidadosas explicações.

Agradeço aos professores do Departamento de Processos Biológicos Básicos que primeiro deram-me essa oportunidade e, depois, me conduziram na jornada pela Análise do Comportamento. Algumas vezes tiveram que “me pegar pela mão” e apontar para as contingências às quais eu realmente deveria estar sensível. Estou certo que elevamos a taxa de resposta esperada no caminho, além da magnitude. As consequências devem manter os comportamentos que modelaram, ainda que se altere o contexto. Muito obrigado!

Aos colegas e amigos da Universidade de Brasília, da pós-graduação, do curso ou das disciplinas, meu agradecimento. A todos que cruzaram comigo, juntaram-se a mim, ou que em algum momento ofereceram sua ajuda, especialmente Marília Pacheco, Raphaella Caldas, Bianca Rogoski, Ana Terra Pires, Sara Neves, Andrea Droguett, Lesley de Souza, Lucas Lima. Pela convivência, disponibilidade, generosidade e auxílio, muito obrigado.

Às pessoas que gentilmente participaram dessa pesquisa, que aceitaram meu convite e dedicaram alguns minutos do seu dia pressionando freneticamente as teclas do seu computador, para que a ciência possa falar sobre preconceito. Que ajudaram sem fazer juízo do sentido da relação entre o tema e esse pressionamento de teclas e, principalmente, do sentido de me ajudar. Essas pessoas foram essenciais e a elas meu obrigado.

Às pessoas refugiadas que conheci, agradeço a permissão e o compartilhamento, os exemplos de coragem, persistência e esperança, e o sentido que deram para sobrevivência, busca, solidariedade e resistência. Não tenho dúvidas de que não estaria entregando este trabalho se não tivesse a vivência com essas pessoas. Além do meu obrigado, meu respeito e minha admiração.

Meu muito obrigado às amigas do circo, dos lanches, dos eventos aleatórios e convites para atividades peculiares e de entretenimento duvidoso, amigas das conversas profundas, das

profanas e das superficiais também, que me ajudam acreditar e dão sempre o empurrãozinho e o suporte necessários. Agradeço por me incentivarem, por me permitirem ser, por me abraçarem e por me inspirarem.

À minha família, mãe e irmãs, pelo apoio ou por apenas estarem ali. Das coisas essenciais e “invisíveis aos olhos”, laços e força são talvez as mais importantes e parte da base da qual nos servimos e apoiamos. Obrigado pelo amor que fundam e mantêm nossos laços e obrigado por serem e me darem força.

Este trabalho contou com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), a qual agradeço.

Tenho para mim que nenhum bem é mais valioso que o tempo. O tempo gasto não se restaura, o tempo passado não volta, o tempo dado não se recupera. O “tempo investido” é uma falácia, haja vista que, ainda que traga resultados em outras grandezas que não tempo, não rende nem se repõe, não se valoriza na mesma moeda, apenas passa. Doar o próprio tempo é abrir mão um pouco de si pelo outro, da própria vida pela do outro, favorecer o bem do outro ou bem comum em detrimento daquele que só satisfaz ao indivíduo. Ainda que se perceba prazer em compartilhar o tempo, em dividi-lo ou até consumi-lo em esforços por outra causa que não a particular, continua sendo a doação de um bem que só o indivíduo detém e que poderia reservar a si, mas escolhe doar ou partilhar. E, assim sendo, considero que não há nada mais valioso que o tempo que todos escolheram me doar ou dividir comigo, independentemente da forma ou finalidade, posto que poderiam gastar consigo, posto que a vida é efêmera e o tempo é curto, e posto que não posso recompensar no valor que tem seu tempo, mas assim mesmo concordaram confiá-lo a mim.

Este trabalho é no que foi transformado o tempo que todos que referenciei nessa nota me doaram. Muito obrigado.

Índice

Lista de Figuras.....	viii
Lista de Tabelas	ix
Lista de Apêndices.....	x
Resumo	xi
Abstract.....	xii
Introdução	1
Método	19
Participantes	19
Ambiente e Material.....	19
Procedimento.....	23
Questionário de Expressão de Xenofobia.....	24
Functional Acquisition Speed Test (FAST)	24
Questionário de Avaliação do Procedimento	27
Análise de dados.....	28
Resultados	30
Discussão	52
Referências.....	71

Lista de Figuras

Figura 1 Acertos acumulados ao longo das tentativas	38
Figura 2 Acurácia dos participantes de cada grupo ao longo das tentativas.....	40
Figura 3 Acertos dos participantes de cada grupo ao longo do tempo	48

Lista de Tabelas

Tabela 1 Dados demográficos.....	20
Tabela 2 Questionário de Expressão de Xenofobia	21
Tabela 3 Conjuntos de estímulos utilizados na tarefa FAST	22
Tabela 4 Questionário de Avaliação do Procedimento.....	23
Tabela 5 Participantes classificados por cidade e gênero	31
Tabela 6 Participantes classificados por cidade e faixa etária	30
Tabela 7 Valores médios das respostas no Questionário de Expressão de Xenofobia	33
Tabela 8 Valores médios representativos das curvas de acurácia dos participantes, estratificados por grupo de cidades.....	40
Tabela 9 Valores médios representativos das curvas de aprendizagem dos participantes, estratificados por grupo de cidades.....	42
Tabela 10 Valores médios representativos das curvas de aprendizagem dos participantes, estratificados por grupo de cidades e faixa etária	44
Tabela 11 Desempenho por grupo de cidades, nas medidas disponíveis do FAST.....	46
Tabela 12 Correlação entre medidas de atitudes implícitas e explícitas para os 102 participantes	50
Tabela 13 Correlação entre medidas de atitudes implícitas e explícitas para os 25 participantes do Grupo A	50
Tabela 14 Correlação entre medidas de atitudes implícitas e explícitas para os 77 participantes do Grupo B	50
Tabela 15 Valores médios das respostas no Questionário de Avaliação do Procedimento.....	51

Lista de Apêndices

Apêndice A Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	85
Apêndice B Telas da Aplicação do Experimento	87

Resumo

A partir de uma perspectiva behaviorista, os vieses podem ser entendidos como padrões de comportamento sob controle de determinadas generalizações de controle de estímulos. Atitudes, por sua vez, como respostas avaliativas emitidas frente a determinados estímulos, em acordo com uma história prévia de aprendizagem. Entre as atitudes e comportamentos de vieses conhecidos, é possível inserirmos a xenofobia, caracterizada pela emissão de comportamentos violentos, preconceituosos ou discriminatórios contra pessoas estrangeiras ou estranhas ao meio em que estão inseridas. De acordo com o Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas para Refugiados, cerca de 103 milhões de pessoas vivem hoje forçosamente deslocadas, inseridas em regiões onde são consideradas estranhas ao meio. Dessas, 32,5 milhões, sendo 5,6 milhões delas cidadãos venezuelanos, são reconhecidas como refugiadas. Esse cenário é considerado pelas Organização das Nações Unidas como a maior crise humanitária do século. Além do desamparo institucional, com frequência se percebe a aversão a essas pessoas e comportamentos xenofóbicos nas interações ou simples alusão às mesmas. Para que se possam propor intervenções voltadas a evitar a emergência dessa aversão e o agravamento dos comportamentos xenofóbicos, a investigação desse fenômeno é urgente. O presente estudo explora atitudes explícitas e implícitas relacionadas à xenofobia de 102 indivíduos brasileiros, classificados de acordo com a cidade em que residem. A medida de atitudes explícitas foi obtida pela aplicação de um questionário versando sobre impressões e comportamentos na menção ou interação com imigrantes. A medida de atitudes implícitas foi extraída pela exposição dos indivíduos a uma tarefa de *Functional Acquisition Speed Test* (FAST), observando-se a taxa diferencial de respostas na apresentação de estímulos relacionados ao tema. Os resultados obtidos apontam para atitudes explícitas não marcadas por viés xenofóbico e desempenho no FAST possivelmente com viés xenofóbico, sobretudo entre os participantes das cidades que têm acolhido refugiados. O exame das correlações entre as medidas mostra que um grau inferior de xenofobia, medido pelo questionário de atitudes explícitas, guarda correlação com desempenhos superiores no bloco da tarefa de FAST, que relaciona conjuntos de estímulos em combinações que contrariam o viés xenofóbico. A análise dos dados por estratos permite inferências sobre como o meio pode interferir no viés xenofóbico, assim como nos resultados das medidas explícita e implícita, e como indivíduos inseridos e não inseridos em um ambiente com refugiados têm opiniões diferentes sobre questões relacionadas ao tema.

Palavras-chaves: xenofobia, refugiados, *Functional Acquisition Speed Test*, atitudes explícitas, atitudes implícitas

Abstract

From a behaviorist perspective, biases can be understood as patterns of behavior under the control of certain stimulus control generalizations. Attitudes, in turn, can be understood as evaluative responses given to certain stimuli, in accordance with a previous learning history. Among the attitudes and behaviors with known biases, it is possible to insert xenophobia, characterized by the emission of violent, prejudiced, or discriminatory behavior against foreign people or strangers to the environment in which they are established. According to the United Nations High Commissioner for Refugees, around 103 million people live forcibly displaced nowadays, located in different territories where they are considered foreign to the environment. Of these, 32.5 million, including 5.6 million Venezuelan citizens, are recognized as refugees, comprising what the United Nations consider the biggest humanitarian crisis of the century. In addition to institutional helplessness, it is often noticed the rejection of these people by nationals and xenophobic behavior in the interaction with them or a simple allusion to them. To propose interventions aimed at preventing the emergence of this aversion and the worsening of xenophobic behaviors, the investigation of this phenomenon is urgent. The present study explores explicit and implicit attitudes related to the xenophobia of 102 Brazilian individuals, classified according to the city where they live. The explicit attitudes measure was obtained by applying a questionnaire dealing with impressions and behaviors when mentioning or interacting with immigrants. The implicit attitudes measure was extracted by exposing individuals to a Functional Acquisition Speed Test (FAST) task, observing the differential response rates in the presentation of stimuli related to the theme. The results obtained indicate explicit attitudes not marked by xenophobic bias and performance in the FAST possibly with a xenophobic bias, especially among participants from cities that have welcomed refugees. Examination of correlations between measures shows that a lower degree of xenophobia, measured by the explicit attitudes questionnaire, is correlated with superior performance in the FAST task block, which lists stimuli sets combinations that counteract xenophobic bias. The analysis of the stratified data allows inferences about how the environment can interfere with the xenophobic bias, as well as the results of the explicit and implicit measures, and how individuals found and not found in an environment with refugees have different opinions on issues related to the theme.

Keywords: xenophobia, refugees, Functional Acquisition Speed Test, explicit attitudes, implicit attitudes

Segundo dados da primeira metade de 2022, do Alto Comissariado da Organização das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), cerca de 103 milhões de pessoas no mundo vivem forçosamente deslocadas de sua origem (United Nations High Commissioner for Refugees [UNHCR], 2022a). Estatísticas do comissariado estimam que esse número deve chegar a 117,3 milhões de pessoas em 2023 (UNHCR, 2022b). Dos cerca de 103 milhões apontados, 32,5 milhões encontram-se reconhecidamente sob a condição de refugiados, realidade perversa e complexa que marca o que é considerado pelo ACNUR como a maior crise humanitária do século (UNHCR, 2022a). A condição de refugiado depende de reconhecimento institucional pela ONU e é dada aos migrantes deslocados forçosamente de regiões em conflito, vítimas de perseguição pelo estado ou por grupo civil organizado em razão de sua etnia, religião praticada ou professada, nacionalidade, inclinações políticas, por compor determinado estrato social ou minoria, ou em consequência de complicações climáticas (UNHCR, 2020).

O reconhecimento da condição garante ao refugiado seu acolhimento nos países signatários dos acordos internacionais de ajuda humanitária a refugiados, além dos direitos reservados a essas pessoas nesses países, que vão desde conforto material, amparo social e auxílio para ambientação e instalação, até a possibilidade de solicitação de asilo com previsão de ajuda financeira temporária (Andrade & Marcolini, 2002). Sob essa condição e compondo o total anterior, encontram-se 5,8 milhões de palestinos, população assistidos pela UNWRA (United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees) e 26,7 milhões de pessoas de outras nacionalidades sob atenção da ACNUR, entre elas cidadãos venezuelanos, segundo maior grupo dessas pessoas, com 5,6 milhões de refugiados (UNHCR, 2022a).

Um dos maiores desafios para as nações que recebem refugiados é a oferta de acolhimento digno, segurança e sua inserção na sociedade local. Pessoas sob a condição de refugiados, em geral, encontram-se sob total desassistência e carência após o abandono de

seus lares, traumatizadas pela realização de travessias perigosas e sujeição à violências e abusos. Porém, mesmo que presumam-se protegidas e amparadas por direitos adquiridos pelo reconhecimento da condição, nem todos os países e autoridades mundiais respeitam os acordos que aderiram e acolhem essas pessoas (Human Rights Watch, 2019). Com bastante recorrência, refugiados são impedidos de entrar legalmente em alguns países e até extraditados depois de já instalados (Defensoria Pública-Geral da União [DPU], 2021; Human Rights Watch, 2021). Também com recorrência, essas pessoas são vítimas da aversão da população nativa ou moradora anterior do local em que buscam acolhimento, e sofrem com a resistência às iniciativas de acolhimento, à sua socialização, à sua inclusão no mercado de trabalho, ao seu acesso a serviços públicos e particulares, e até com ataques violentos (DPU, 2021). Tal aversão, comumente, é justificada sob argumentos nacionalistas, apelos sobre ameaça à soberania do país, preconceitos raciais e religiosos, escusas protecionistas relacionadas à cultura e economia local, entre outros (Human Rights Watch, 2021). Barreiras sociais, econômicas e culturais são impostas e, em uma única palavra, pode-se dizer que a violência contra essas pessoas caracteriza o que podemos chamar de xenofobia, em que se percebem comportamentos sociais de rejeição dessas pessoas na interação com elas ou simples alusão às mesmas. Nos últimos anos, por exemplo, parte dos 5,6 milhões de refugiados venezuelanos deslocaram-se para o Brasil em um movimento migratório marcado pelo desamparo institucional e, por vezes, reações adversas das populações dos locais onde chegaram ou buscaram acolhimento (Torres, 2019; Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" [Nepo], 2020).

Conforme mostra a etimologia, segundo o dicionário Merriam-Webster, a palavra xenofobia tem origem na Grécia antiga, da junção dos termos *xenos*, que significa estranho ou convidado, e *phobos*, traduzível como medo. Conforme o mesmo dicionário, xenofobia refere-se, portanto, ao medo ou aversão ao que é estranho ou estrangeiro (Merriam-Webster,

n.d.). Diversos estudos e organismos internacionais dedicados ao tema (Davis, 2010; EUMC, 2006; International Labour Office [ILO], International Organization for Migration [IOM], Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights [UNHCR], 2001; Mota, 2019; Padır, 2019; Santoro, 2014; Sundstrom & Kim, 2014; Tafira, 2011; Yakushko, 2009) aprofundaram a definição buscando refletir as diversas formas de comportamento xenofóbico e as variáveis presentes no mundo atual que podem ser determinantes para seu desenvolvimento. É comum, por exemplo, a associação de comportamentos xenofóbicos com ambientes em que se identificam determinadas políticas e ideologias. Nesse sentido, Yakushko (2009) explica que a xenofobia é um fenômeno multidimensional e multicausal, intrinsicamente ligado às noções de nacionalismo e etnocentrismo, ambos conhecidos marcadores da crença na superioridade de uma nação ou povo sobre os outros. Acrescenta que a xenofobia tem forte relação com a visão de identidade nacional nativista, ou seja, que decorre do nascimento, e não de uma construção cultural e cívica, baseada no compromisso do indivíduo com as instituições. Para a autora, isso favorece, se não acentua, o olhar negativo sobre o estrangeiro, e conclui definindo a xenofobia como uma forma de preconceito atitudinal, afetivo e comportamental contra imigrantes e aqueles considerados estrangeiros (Yakushko, 2009). Em uma seara menos científica e mais institucional, a Declaração de Durban, documento que institui as ações da comunidade internacional para combater o racismo, xenofobia e outras formas de discriminação, elaborado e adotado pelos países signatários participantes da Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância, promovida pela ONU em Durban, em 2001, definiu que a “xenofobia descreve atitudes, preconceitos e comportamentos que rejeitam, excluem e muitas vezes vilinizam ou difamam as pessoas, com base na percepção de que são estrangeiros ou estranhos à comunidade, sociedade ou identidade nacional” (ILO et al., 2001). As consequências dos comportamentos xenofóbicos são sentidas pelas vítimas

não apenas pela via da discriminação, mas também pelo ostracismo civil, a situação de exclusão em que um grupo é privado do acesso a bens sociais, incluindo formação, participação política e até relações sociais, por ser estranho ao grupo dominante (Sundstrom & Kim, 2014).

Os refugiados, além da emergência e carência que caracterizam sua condição, ainda têm agravado seu sofrimento em razão da xenofobia direcionada a eles. Diferentes instituições e governos se mobilizam e implementam medidas para orientar a população local e amparar aos refugiados. O Brasil, especialmente, tem uma das legislações mais arrojadas do mundo no que se refere ao acolhimento de refugiados, como a Lei da Migração (Lei nº 13.445, 2017), o Estatuto dos Refugiados (Lei nº 9.474, 1997) e a adoção da Declaração de Cartagena (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados [ACNUR], 1984). Além do alinhamento com os direitos humanos dos refugiados, esse arcabouço legal inclui não só a previsão de entrada e amparo aos refugiados, como a possibilidade de concessão de direitos para a sua socialização e integração como cidadãos em igualdade jurídica aos brasileiros. Com a piora da situação dos cidadãos venezuelanos, que têm deixado seu país forçados pela crise política e econômica que acentua a pobreza e escassez de recursos no país, e pelas recorrentes violações aos direitos humanos, o fluxo dessas pessoas para o Brasil tem se elevado e apenas a legislação favorável não tem lhes garantido o acolhimento adequado e a defesa contra xenofobia (Mota, 2019).

De acordo com a ACNUR, 5,6 milhões de venezuelanos já deixaram seu país, tornando-se o segundo maior grupo de refugiados do mundo (UNHCR, 2022). A maior parte desse grupo ora distribui-se entre o Brasil, Peru, Equador, Chile, Bolívia e, principalmente, Colômbia (Response for Venezuelans [R4V], 2020), e movimentos violentos, contrários ao acolhimento desses refugiados, já foram observados (NEPO, 2018). Especialmente em Pacairama e Boa Vista, em Roraima, portas de entrada da maioria dos venezuelanos para o

Brasil, estadia temporária obrigatória para a maior parte deles e definitiva para uma minoria, a Defensoria Pública-Geral da União (DPU) documentou que a xenofobia aos imigrantes venezuelanos se observa não apenas nas comunidades, por meio de seus indivíduos, mas também pôde ser percebida praticada institucionalmente, nas ações do Estado e das forças de segurança atuantes na região (DPU, 2021). Sob a forma de medidas de cerceamento do trânsito, impedimento da entrada e deportação arbitrária dos venezuelanos (Portaria nº 120, 2020; Portaria nº 655, 2021; Portaria nº 666, 2019; Portaria nº 770, 2019), algumas ações do Estado brasileiro nessa questão foram marcadas pelo retrocesso e pelas tentativas de rejeitar essas pessoas (DPU, 2021), apesar da evidente necessidade de acolhimento humanitário, dos acordos internacionais de cooperação dos quais é signatário e mesmo Decretos e Portarias anteriores (Lei nº 9.474, 1997; Lei nº 13.445, 2017). Ainda que restrinjam-se ao âmbito de atuação dos órgãos do Poder Público e de seus agentes, além das consequências diretas de tais práticas, estudos apontam que, com frequência, discursos, posturas, ações de intervenientes do Estado e figuras como seus líderes, influenciam sobremaneira o comportamento dos cidadãos (Ajzenman et al., 2020; da Fonseca et al., 2021; Marques & de Almeida, 2021; Rayner, 2012). É possível concluir, portanto, que esse tipo de política pública pode se apresentar como um exemplo perigoso aos cidadãos, que podem perceber validados e reforçados seus comportamentos xenofóbicos.

No Brasil, o imaginário sobre a identidade nacional com frequência apresenta o brasileiro como cordial, hospitaleiro e acolhedor. Em sua obra *Raízes do Brasil*, de 1936, Sérgio Buarque de Holanda escreve “a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade — daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definidor do caráter brasileiro [...]”. O autor não foi o primeiro a usar a expressão “homem cordial” para referir-se ao brasileiro, cunhada por Ribeiro Couto em 1931 (Bezerra,

2005), entretanto, estudiosos (Bezerra, 2005; Peres, 2014; dos Santos Vaz, 2019) citam Sérgio Buarque de Holanda e sua obra como um dos marcadores determinantes para popularização do termo, da referência, e para a difusão dessa identidade. No sentido que nossa cultura e o senso comum adotaram a cordialidade citada pelo autor, é possível afirmar que o termo seja parte de uma teia de relações entre elementos atributivos majoritariamente positivos. Se, nessa teia e nesse sentido, a cordialidade de fato fosse uma característica inerente do comportamento do brasileiro, ou pudesse ser um preditor de suas ações a ponto de determinar sua identidade, ver-se-iam ou esperar-se-iam do brasileiro apenas comportamentos caracterizáveis como “amistosos, amorosos, generosos, calorosos” de “seres guiados prioritariamente pelo coração, essencialmente sociáveis” (Peres, 2014). Porém, não é o que se observa, essa cordialidade nem sempre parece orientar o comportamento do brasileiro, nem as medidas institucionais que marcaram algumas decisões políticas frente a chegada dos venezuelanos refugiados ao país, especialmente durante a pandemia de COVID-19, e também não parece suficiente para evitar comportamentos xenofóbicos. Ainda que se considerasse limitar essa característica a um contexto de interação com estrangeiros ou acolhimento de refugiados, estariam comprometidas premissas básicas do comportamento humano como variação e seleção. De uma perspectiva comportamental, análises de múltiplos níveis seriam necessárias, que explorassem contexto, estímulos, relações diretas e derivadas entre n variáveis para explicar essa discrepância. O próprio Sérgio Buarque de Holanda, em nota nas reedições de sua obra, apontou para o entendimento enganado de seu uso do termo “cordial” como relacionado com bondade, e o corrigiu. Segundo o autor, ao “cordial” por qual designou o brasileiro em sua obra deve ser dada a interpretação etimológica, qual seja, das coisas que têm origem no coração e que, portanto, são isentas de juízos éticos e não obrigatoriamente dotadas de sentimentos positivos (Holanda, 1934, p. 204-205).

Ainda por outros autores e com outros sentidos (de Andrade, 1972; Souza R. L., 2007; Leite & Heuseler, 2020) o “homem cordial” que refere o brasileiro foi outras vezes explicado, geralmente para reafirmar que a identidade cordial e hospitaleira do brasileiro baseia-se na interpretação enganada do termo, tornada em uma crença impressa culturalmente. Diz a antropóloga Lilia Schwarcz (2022) que “ver é uma possibilidade biológica, mas enxergar é uma opção cultural. [...] A cultura produz determinismos que nos impedem de enxergar, estabelece ‘lentes culturais’ que nos permitem ver enquanto nos impedem de enxergar.”. Disso extrai-se que a cultura criou a lente que traveste o brasileiro de cordial, amável, respeitador/abraçador da diversidade, tolerante, resiliente, alegre, e que ao mesmo tempo impede que perceba as cores verdadeiras do cenário social.

Considerando o exposto, é premente a busca de respostas capazes de reduzirem a xenofobia e colaborarem com o acolhimento de refugiados. A investigação desse fenômeno é cada dia mais urgente, para que se desenvolva um diagnóstico conciso do cenário, apoiado na aferição de medidas objetivas, e se possam propor intervenções voltadas a evitar a emergência dessa aversão e o agravamento dos comportamentos xenofóbicos. Uma forma muito usada de se chegar a essas medidas é pelo estudo das atitudes. Conforme Mizael et al. (2016), atitudes podem ser definidas como respostas avaliativas emitidas frente a estímulos que adquiriram valência positiva, negativa ou neutra, em decorrência de uma história prévia de aprendizagem e experiência direta com os estímulos, ou por derivação, a partir de uma rede de relações arbitrárias entre estímulos. Cravo et al. (2022) apontam que as atitudes são comportamentos operantes, resultantes de contingências sociais, e dos quais se podem analisar propriedades, topografia e funções em contextos sociais relevantes. De diferentes maneiras e com diferentes instrumentos, seu estudo permite a obtenção de medidas de atitudes explícitas e implícitas. A aplicação de questionários, em que participantes exprimem suas opiniões e pensamentos frente a imigrantes é um exemplo de recurso que pode ser

utilizado para obtenção de uma medida de atitude explícita. Questionários ou inventários são uma tecnologia bastante difundida e utilizada nas investigações que avaliam opiniões, valores e posicionamentos de indivíduos sobre um dado tema, utilizando uma escala ordinal expressa em diferentes formas de gradação. Esse tipo de instrumento foi desenvolvido por Rensis Likert em 1932 para medir “atitudes”, o que o autor considerava como “uma disposição para a ação” ou “substitutos verbais para ações” (Likert, 1932). Mesmo o autor, entretanto, ressaltou que o uso de seu instrumento deve ser cuidadoso e a interpretação dos resultados parcimoniosa.

Vários autores já desenvolveram trabalhos utilizando questionários. (D’Ancona, 2014) testou a eficiência dos questionários que medem racismo e xenofobia e a influência da construção dos questionários e de como são aplicados nos resultados obtidos. Padir (2019) estudou, pela aplicação de diferentes questionários de aferição das expressões de medo, aversão e desprezo, as relações diretas e indiretas entre xenofobia, ameaças percebidas, e quantidade e qualidade do contato social entre cidadãos locais e refugiados sírios. Em trabalho similar, Bozdağ (2020) investigou a relação entre contato social e atitudes xenofóbicas direcionadas a imigrantes sírios, entre estudantes universitários na Turquia. Para isso aplicou um questionário de medidas individuais de atitudes xenofóbicas (Bozdağ & Kocatürk, 2017, citado por Bozdağ, 2020) e uma escala de contato social voltada a aferição da quantidade e qualidade do contato social entre muçulmanos e hinduístas na Índia (Islam & Hewstone, 1993). Buscando desenvolver um instrumento confiável para medir atitudes anti-imigrantistas frente a refugiados do Oriente Médio, Šram (2020) investigou as relações entre o fenômeno da orientação à dominância social, o autoritarismo, e a exclusão de minorias em decorrência de suas origens e tradições, e propôs um instrumento de autorrelato de atitudes anti-imigrantistas de 9 itens, representativo do que também considera o tripé dessas atitudes: o medo, a aversão e o desprezo.

Ainda não existem escalas de xenofobia validadas para a população brasileira, porém, van der Veer et al. (2011) apresentaram e van der Veer et al. (2013) aprimoraram uma proposta de instrumento transnacional de medida de xenofobia. O questionário foi desenvolvido com base em trinta itens propostos por três pesquisadores dedicados ao estudo da xenofobia como um fenômeno comportamental, e referendados por seis estudiosos imigrantes e oito doutorandos em psicologia. Para atestar sua clareza e validade transnacional, sua aplicação e coleta de dados foi realizada em três países com altas taxas de imigração, com 608 estudantes de graduação dos Estados Unidos, 193 estudantes de graduação da Holanda e 303 estudantes de graduação da Noruega. Os estudos de van der van der Veer et al. (2011) e van der Veer et al. (2013) reduziram o questionário de trinta para quatorze itens, excluindo aqueles relacionados às medidas de ódio e desprezo, para restringir a escala à medida da xenofobia a partir do medo. Buscando o estabelecimento de uma escala cumulativa composta desses itens, e no intuito de validá-lo quanto aos aspectos qualitativos e de psicometria, após as análises estatísticas dos resultados do questionário, os quatorze itens foram sumarizados em 9 e posteriormente em 5 itens, resultando no que os autores concluíram como um instrumento confiável de validade transnacional, para aferição da xenofobia motivada por medo de estrangeiros.

Embora referenciem o tema de diferentes formas, o relacionem com diferentes medidas (médias, cumulativas, com ou sem ponderação, etc) e utilizem questionários distintos, os estudos citados têm em comum o que obtêm com o instrumento que utilizaram: as respostas registradas nesses questionários, que denotam o que chamamos de atitudes explícitas, baseadas em julgamento consciente diretamente mensurável pelo autorrelato (Hong et al., 2021), em que os indivíduos apontam direta e abertamente as respostas que emitiriam ante a exposição a determinados estímulos. Entretanto, evidências sugerem que o comportamento social com frequência opera de forma implícita (Greenwald & Banaji, 1995)

e julgamentos sociais e comportamento são guiados por atitudes e estereótipos dos quais o indivíduo pode não ter consciência (Greenwald & Lai, 2020), ou seja, situações em que as contingências que controlam a resposta do indivíduo não são verbalmente discriminadas (Gavin et al., 2008). Tendo isso em consideração, outra forma possível de se apurar a tendência dos indivíduos ao desempenho de comportamentos xenofóbicos é a aplicação de ferramentas de medidas de atitudes implícitas. Comumente, essas ferramentas medem as atitudes implícitas observando a latência no responder emitido pelo indivíduo, ante a exposição a determinados estímulos, em uma dada tarefa. As correlações mais altas, percebidas pela latência mais curta no responder, são interpretadas como indício de presença de viés positivo para uma relação proposta, e as correlações observadas como fracas, pela latência mais longa no responder nessas tentativas, determinam o viés negativo (Wicker, 1969, citado por Greenwald & Banaji, 1995; Festinger, 1964, citado por Greenwald & Banaji, 1995; LaPiere, 1934, citado por Greenwald & Banaji, 1995).

Greenwald e Lai (2020) listaram as ferramentas de medida de atitudes implícitas, genericamente conhecidas em português por “testes de associações implícitas”, mais frequentemente utilizadas. Segundo os autores, o *Implicit Attitude Test* (IAT), e suas variações, tem sido o método de medida de atitudes implícitas mais utilizado pelos pesquisadores. Basicamente, um IAT se desenvolve como uma tarefa envolvendo 2 conjuntos de estímulos alvo e 2 conjuntos de estímulos compostos de elementos ou atributos de conhecida associação aos conjuntos alvo. Em um procedimento computadorizado, a cada tentativa o participante visualiza um estímulo de um dos dois conjuntos alvo na tela, e dois estímulos com e sem associação com o alvo. Em uma fase o participante deve selecionar o estímulo que tem associação pré-experimental com o alvo (associação consistente) e em outra fase, deve escolher o que não tem (associação inconsistente). O programa mede a latência de resposta em ambas as fases. Latências menores são interpretadas como sinais de um viés a

favor da relação medida naquela tentativa. Por exemplo, suponhamos uma tarefa em que os conjuntos de estímulos alvo sejam nomes masculinos e nomes femininos, e os outros conjuntos de estímulos sejam compostos de elementos como palavras relacionadas a trabalho e palavras relacionadas à família. Consideram-se consistentes as associações entre nomes femininos e palavras relacionadas à família, e nomes masculinos e palavras relacionadas a trabalho, e inconsistentes as associações entre nomes femininos e palavras relacionadas a trabalho, e nomes masculinos e palavras relacionadas à família. Pressionando determinada tecla, o indivíduo responde fazendo a associação que a fase pede, estímulos alvo com elementos de associações consistentes (nomes femininos com palavras relacionadas à família, por exemplo) ou estímulos alvo e elementos de associação inconsistente (nomes masculinos e palavras relacionadas à família). Assim, explorando a existência de uma relação preexistente entre os estímulos, a latência inferior do responder do indivíduo na indicação das associações consistentes e superior para as relações inconsistentes pode indicar um viés a associar mulheres à família e homens a trabalho com mais frequência que mulheres a trabalho e homens à família. É possível aplicar o IAT para aprofundar o exame das questões relacionadas a gênero, como em Oliveira et al. (2012), a prevalência do responder com base em estereótipos que caracterizam gordofobia, conforme Gobbi et al. (2017), ou atitudes negativas direcionadas à pessoas e culturas estrangeiras, caracterizadas como xenofobia (Keating, 2017), dentre outros temas (e.g., Andrews et al., 2010; Hong et al., 2021; Maison et al., 2001; Walker & Schimmack, 2008).

Outro instrumento bastante aplicado identificado por Greenwald e Lai (2020) foi o *Implicit Relational Assessment Procedure* (IRAP), uma variação de teste de associações implícitas que já foi usada, por exemplo, por Power et al. (2009), investigando a preferência de cidadãos irlandeses e estadunidenses por pessoas irlandesas, estadunidenses, escocesas ou africanas, e Mizael et al. (2016), investigando as atitudes implícitas que denotam

comportamentos com viés racista. No IRAP, a tarefa também se desenvolve pelo acesso as relações preexistentes entre os estímulos, entretanto, diferentemente do IAT, no IRAP é requerida dos indivíduos não só rapidez, mas também a indicação correta da relação entre dois estímulos apresentados juntos em um determinado contexto.

Por exemplo, em um estudo buscando avaliar atitudes implícitas que pudessem denotar padrões de preferência dos participantes de dois experimentos por cidadãos de diferentes origens, Power et al. (2009) aplicaram tarefas de IRAP utilizando como estímulos as expressões “mais agradável” e “menos agradável” e combinações de palavras como Irlandês – Escocês, Escocês – Americano, Americano – Africano. A tarefa apresentava ao participante um estímulo como a expressão “mais agradável” juntamente a uma das combinações de palavras, como “Irlandês – Escocês” por exemplo, e o indivíduo devia indicar se a relação era verdadeira ou falsa, pressionando as teclas D ou K, respectivamente. A determinação sobre qual seria a resposta correta (verdadeira ou falsa) mudava a depender da condição vigente (consistente ou inconsistente com as predições dos autores).

Outro tipo de variação de tarefa e teste de associações implícitas, a *Go-No Go Association Task* (GNAT) avalia as atitudes implícitas do indivíduo por meio do desempenho do seu responder frente aos estímulos, medido pelos erros, omissões e velocidade de resposta. A GNAT é uma tarefa realizada em computador e nela, comumente, os indivíduos são solicitados a indicar se uma palavra exibida rapidamente no centro da tela do computador se relacionada a uma categoria alvo ou um atributo alvo, mostrados nos cantos superiores da mesma tela. O indivíduo pressiona a barra de espaço do teclado para indicar a relação (*Go*) ou abstém-se do pressionamento da barra se considerar que não há relação (*No Go*).

Anderson (2018), focado na investigação das atitudes negativas da população da Austrália em relação aos refugiados, expôs os participantes de sua pesquisa a uma tarefa GNAT organizada da seguinte forma: os conjuntos de estímulos alvo eram 8 palavras

relacionadas à imigrantes solicitantes de asilo, 8 outras palavras compunham o conjunto de estímulos distratores, e 8 palavras de valência positiva e 8 de valência negativa compunham os demais conjuntos. Em 2 blocos de 100 tentativas (20 de treino e 80 de experimento), a tarefa mediu acertos e erros no responder dos participantes à apresentação randomizada dos estímulos alvo combinados com as palavras de valência positiva (*Go*) e dos estímulos alvo combinados com as palavras de valência negativa (*No Go*), e, em seguida, dos mesmos estímulos combinados de forma contrária para as respostas *Go* ou *No Go*, sendo estímulos alvo com palavras de valência negativa (*Go*), e estímulos alvo com as palavras de valência positiva (*No Go*). Cada tentativa durava 600 milissegundos para a resposta *Go* ou *No Go*, seguida de um *feedback* sinalizando resposta correta ou incorreta.

O estudo de Anderson (2018) envolveu ainda várias medidas explícitas relacionadas a fatores políticos, ideológicos e religiosos, extraídas por meio de questionários, e avaliou a correlação entre os resultados dessas medidas e da tarefa GNAT. As principais escalas que utilizou foram a de preferência à macro-justiça ou micro-justiça, proposta por Zdaniuk e Bobocel (2011), a escala SDO, *Social Dominance Orientation*, proposta por Pratto et al. (1994), e a escala de RWA, *Right-Wing Authoritarianism*, desenvolvida por Altemeyer (1981, citado por Anderson, 2018). Ao final, o autor obteve algumas correlações que seguiram as predições e outras fracas ou em direção oposta. Relativamente a fatores ideológicos, por exemplo, as atitudes explícitas positivas em relação a refugiados, medidas dos indivíduos apoiadores da macro justiça, e as atitudes explícitas negativas, percebidas dos participantes que demonstraram orientar-se à dominância social e ao autoritarismo de direita correlacionaram-se positivamente apenas com as atitudes implícitas preditas para os indivíduos de orientação à dominância social, não restando qualquer correlação com as medidas implícitas dos indivíduos orientados ao autoritarismo de direita ou à macro justiça. Observando aspectos demográficos como gênero e religião, Anderson encontrou também

correlações fracas entre as medidas de atitudes explícitas e implícitas obtidas em cada estrato. O estudo contribui à proposta da tarefa GNAT como um instrumento confiável de aferição de atitudes implícitas para o tema, à confirmação da predição de que resultados de medidas de atitudes implícitas tendem a ser mais negativos que sua contraparte explícita, e, principalmente, que as atitudes explícitas e implícitas em relação a refugiados são processos distintos, nem sempre marcados por ideologia, demografia ou outra estratificação que permita predições e, portanto, exigem abordagens bastante plurais.

Ausente na relação de Greenwald e Lai (2020), talvez por ser mais recente, menos difundido e ainda pouco utilizado, o *Functional Acquisition Speed Test* (FAST) é um método de medida de atitudes implícitas, proposto por O'Reilly et al. (2012). De acordo com os autores, o FAST se diferencia dos demais instrumentos de medidas implícitas por explorar menos referências a mentalismo e processos de controle de estímulos frágeis, portanto, sob crítica por parte de vários analistas do comportamento (O'Reilly et al., 2012). Segundo O'Reilly et al. (2012), o FAST apoia-se no exame da existência e força de relações entre estímulos controladas em laboratório. Para Cartwright et al. (2016), enquanto o IAT e IRAP treinam as relações entre estímulos e avaliam o desempenho do indivíduo no responder demonstrando essas relações após o treino, o FAST realiza a avaliação observando a taxa de aquisição dessas relações. Ou seja, enquanto IAT e IRAP investigam se histórias verbais atuam sobre a velocidade em que classes de estímulos podem ser relacionadas em determinado contexto, o FAST examina a influência da história sobre a taxa diferencial observada na aquisição dessas relações. (Cartwright et al., 2016). Na prática, os instrumentos IAT e IRAP medem o tempo de resposta dos indivíduos, para demonstrar o estabelecimento da relação entre estímulos, e apoiam-se nesse valor para inferir a força das relações e atitudes implícitas que podem governar o comportamento do indivíduo em dado contexto. Baseiam-se na concepção de que relações preexistentes permitem tempo de resposta mais curto ante

alguns estímulos relacionados a outros, que se torna mais longo nas tentativas de se relacionarem os mesmos estímulos a novos estímulos. O FAST, ao invés disso, analisa o tempo da aquisição das relações entre estímulos pelo indivíduo, considerando a influência de história e resistência impressas nas curvas de aprendizagem mais longas e acentuadas e a partir disso infere a existência de atitudes implícitas (discriminações treinadas, relações derivadas e relações verbais do mundo real anteriores).

O'Reilly et al. (2012) citam 4 importantes pontos em favor do FAST, que superariam críticas de analistas do comportamento em relação aos instrumentos anteriores. Primeiro, o FAST apoia-se na “fluência” (precisão e velocidade de resposta combinadas), observada no desempenho do indivíduo respondendo em um intervalo de tempo bastante restrito, ao contrário dos demais instrumentos que se apoiam apenas no tempo de resposta. Segundo, o FAST emite *feedback* para o indivíduo tanto no caso de erro como de acerto no responder, eliminando o caráter punitivo da exibição apenas do feedback na ocorrência de erro, praticado em outros instrumentos. Equilibrar os *feedbacks* reduz a probabilidade do responder enviesado além de efeitos desconhecidos na taxa de resposta. Terceiro, enquanto o IAT usa uma medida de tempo de resposta padrão como forma de medir a força de uma relação, sem acessar as variações temporais e das taxas de resposta, o FAST usa como medida as curvas de aprendizagem para determinar o critério a ser atingido, e a aplica como medida principal, em detrimento da latência. E, por último, enquanto o IAT prevê a medida utilizando métodos psicométricos, eliminando dados e sujeitos para elevar a significância estatística do resultado, o FAST tem por objetivo atuar sobre essas possíveis discrepâncias por meio do controle experimental e exame da variabilidade da resposta.

Originalmente, o FAST foi desenvolvido para acessar as relações estabelecidas entre estímulos de forma isolada, não em comparação a relações entre outras classes, e expressar a força dessas relações em valores absolutos e não relativos. A tarefa é composta por blocos em

que são apresentados quatro estímulos. Por exemplo, A1, B1, N1, N2, em que A1 e B1 são os estímulos dos quais a tarefa quer acessar a relação, e N1 e N2 são estímulos não relacionados, nem com A1 ou B1 e nem entre si. Diante de cada um dos estímulos o participante aprende, via *feedback* de acerto e erro, que deve apertar a tecla M ou Z diante de um dos estímulos apresentados na tela de um computador. Assim, por exemplo, diante de A1 e B1, pressionar M é estabelecido como correto e diante de N1 e N2, pressionar Z é estabelecido como correto. Esse bloco é chamado “consistente”. Semelhante a outras tarefas de associações implícitas, as respostas devem ocorrer em um limite de tempo, no caso do FAST, 3 segundos. Em seguida é apresentado um bloco denominado “inconsistente”, no qual ocorre a alteração da resposta adequada esperada para exibição dos estímulos A1 e B1 ou N1 e N2 e, portanto, nova aprendizagem. Dessa forma, seguindo o exemplo anterior, diante de A1 e N1, apertar M passa ser estabelecido como correto no segundo bloco e diante de B1 e N2, apertar Z passa a ser correto. Na análise dos resultados avalia-se a velocidade em que o participante pressiona a tecla correta ou errada (M para A1 e B1 e Z para N1 e N2, por exemplo) a cada estímulo exibido, além da curva de aquisição de relações corretas até atingir um determinado critério de aprendizagem, parametrizado em quantidade de acertos consecutivos. Entende-se que a latência das respostas e a quantidade de erros e acertos até o critério de aprendizagem a ser atingido configuram sua fluência e, portanto, a curva de aquisição do indivíduo. Uma curva mais curta e de ascendência mais acentuada indicaria maior força da relação entre estímulos.

Mas o FAST também pode ser aplicado de forma a avaliar a força das relações de mais de 1 par de estímulos ao mesmo tempo e assim permitir a análise do resultado com base em parâmetros relativos. Nessa configuração, a tarefa apresenta estímulos A1 e B1 relacionados entre si, A2 e B2, relacionados entre si e igualmente se desenvolvem 2 blocos de avaliação de relações consistentes e inconsistentes. No bloco de relações consistentes treina-se pressionar a mesma tecla diante dos estímulos A1 e B1, e pressionar uma tecla diferente

diante dos estímulos A2 e B2. No bloco de relações inconsistente, treina-se pressionar a mesma tecla diante dos estímulos A1 e B2, e a outra tecla para exibição dos estímulos A2 e B1. Cartwright et al. (2016) aplicaram o FAST nessa configuração, buscando avaliar estereótipos de gêneros binários comuns, explorando a força da relação entre um dos gêneros (classes de estímulos A1 e A2) e características tidas como masculinas ou femininas (estímulos B1 e B2). Na tarefa, o primeiro dos blocos reforçou o responder na mesma tecla diante dos estímulos A1 gênero homem e B1 características popularmente tidas como masculinas, e na outra tecla diante dos estímulos A2 gênero mulher e B2 características popularmente tidas como femininas, ou seja, reforçou o responder consistente com estereótipos. O segundo bloco reforçou o responder inconsistente relativamente ao estereótipo (na mesma tecla para A1 e B2 e na outra tecla para A2 e B1). Mostrando curvas de aprendizagem mais curtas para os blocos consistentes (positivos para o estereótipo de gênero), os resultados obtidos por Cartwright et al. (2016) confirmaram o que os autores já esperavam, sugerindo “aparente persistência de estereótipos de gênero na sociedade moderna e, de forma mais ampla, elucidando a forma binária em que o gênero é construído” (Cartwright et al., 2016, p. 231). Ainda, corroboraram com a aplicabilidade do FAST como um instrumento de medida válida, características como ser simples de administrar e mais rápido que outros instrumentos como IAT ou IRAP, no acesso à história do indivíduo (cerca de 8 minutos para uma tarefa com 1 bloco de pré-treino de 30 tentativas e 2 blocos de treino de 50 tentativas cada). O presente estudo faz uso dessa metodologia de aplicação do FAST, na busca por evidências de vieses xenofóbicos que podem afetar o comportamento dos brasileiros no acolhimento de cidadãos venezuelanos refugiados.

A partir das informações trazidas na introdução desta dissertação, da evidente preocupação com o agravamento da crise humanitária que ora provoca o aumento dos refugiados no mundo (UNHCR, 2022b), as dificuldades no seu acolhimento e a recorrência

de sua rejeição, e da iminência do surgimento de problemas maiores no Brasil relativamente ao acolhimento de imigrantes venezuelanos sob a condição de refugiados ou não (R4V, 2020), é urgente o trabalho para minimizar os impactos negativos decorrentes dessa situação e impedir que o país se torne ambiente hostil aos indivíduos que buscam asilo.

Considerando que comportamentos xenofóbicos estão relacionados com o satisfatório acolhimento ou rejeição do refugiado (ILO et al., 2001) pode ser útil o desenvolvimento de ferramentas de investigação que colaborem para identificar atitudes explícitas e implícitas relacionadas à xenofobia. É importante evidenciar a diferença entre a prática e o discurso e os elementos que podem apontar indícios e atuar como indicadores para balizar discussões sobre o tema. Nesse sentido, e para colaborar com a produção voltada às questões apontadas, o presente estudo objetivou a comparação das respostas de participantes adultos brasileiros em um questionário de atitudes explícitas sobre imigração e o responder em uma tarefa de atitudes implícitas de FAST, usando como estímulos palavras comumente utilizadas para referenciar imigrantes (estrangeiro, gringo, imigrante, venezuelano), palavras que referenciam brasileiros (compatriota, nacional, conterrâneo, brasileiro) e palavras que representem características popularmente atribuídas a imigrantes (perigoso, preguiçoso, oportunista, inferior) e a brasileiros (amável, trabalhador, alegre, carinhoso).

Como medida explícita, este estudo expôs os participantes ao questionário de 14 itens proposto por (van der Veer et al., 2011; 2013), escolhido por restringir-se à medida da xenofobia associada ao medo e por a ter sido testado pelos autores em mais de um país, na intenção de ser um instrumento de validade transnacional de medida de xenofobia. Como medida implícita principal, apresenta a curva de aprendizagem de novas relações entre estímulos, extraída da exposição dos participantes à tarefa de FAST, similar a Cartwright et al. (2016). Os valores verificados para as medidas de atitudes explícitas e implícitas foram

analisados separadamente e também comparados, no intuito de se investigarem correlações entre as medidas dos dois instrumentos.

Método

Participantes

O recrutamento dos participantes foi realizado entre janeiro e novembro de 2022, por meio de divulgação da pesquisa em *posts* nas Redes Sociais, disponível para pessoas do Brasil todo, e convites por e-mail a universitários, fundações, entidades de classe e organizações da sociedade civil das cidades de Boa Vista, Curitiba e São Paulo. A iniciativa de convite direcionado e focado nessas três cidades, deveu-se ao fato de constarem entre as cidades brasileiras que mais acolheram refugiados, de acordo com a iniciativa R4V.

Completaram a pesquisa 135 indivíduos maiores de 18 anos, com escolaridade a partir do Ensino Fundamental completo, sendo 35 deles moradores das cidades de Boa Vista, Curitiba e São Paulo, e os 100 restantes de outras cidades. Foram excluídos 33 participantes que não atingiram 10 acertos consecutivos em até 320 tentativas, na fase de Pré-treino da tarefa de FAST (ver procedimento). Do total de 135 participantes, 102, sendo, 25 de Boa Vista, Curitiba e São Paulo e 77 das demais cidades, alcançaram o critério de acertos e foram considerados para as análises.

Ambiente e Material

Todas as participações foram coletadas em sessão única, de aproximadamente 15 minutos, aplicada *online*, no ambiente de preferência do participante. Era necessário que o participante possuísse *notebook* ou computador de mesa com acesso à Internet. O preenchimento de dados demográficos, listados na Tabela 1, leitura e aceite ao TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), resposta ao Questionário de Expressão de Xenofobia, realização da tarefa *Functional Acquisition Speed Test* (FAST), e Questionário de Avaliação do Procedimento foram todos realizados em aplicação desenvolvida especialmente para o

presente estudo, em linguagem de programação JavaScript e utilizando OpenSesame (Mathôt et al., 2012), ferramenta multiplataforma de código aberto para desenvolvimento de experimentos para as ciências sociais. Durante a coleta, a aplicação esteve hospedada e disponível para acesso no servidor MindProbe, da European Society for Cognitive Psychology. O referido servidor baseia-se na solução JATOS (Lange et al., 2015) para execução de aplicações em JavaScript, e é mantido pela entidade exclusivamente para hospedagem gratuita de experimentos *online*.

Tabela 1

Dados Demográficos

Informação
E-mail
Cidade e Estado onde nasceu
Cidade e Estado onde reside
Idade
Escolaridade (Ensino Básico, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Superior ou Pós-Graduação)
Gênero (Feminino, Masculino ou Outros)

O instrumento de medida das atitudes explícitas relacionadas à xenofobia utilizado foi o “Questionário de Expressão de Xenofobia” de van der Veer et al. (2011) de elaboração de uma escala hierárquica de aplicação transnacional para medir a xenofobia baseada no medo. O questionário contou com tela de instrução de seu preenchimento e 14 afirmações (Tabela 2) para indicação, pelo participante, de seu grau de concordância utilizando uma escala Likert, em que 1 representava “discordo totalmente”, 2 “discordo parcialmente”, 3 “discordo pouco”; 4 “concordo pouco”; 5 “concordo parcialmente”; 6 “concordo totalmente”. Quatro afirmações eram de teor favorável à imigração e dez de teor desfavorável, que eram

apresentadas para os participantes em ordem randomizada entre si. As quatro afirmações de teor favorável usavam escala reversa, ou seja, as afirmações invertiam a lógica das respostas de concordância ou discordância, de forma que para registrar uma posição favorável à imigração, nelas o participante deveria responder em padrão contrário ao que respondia às outras dez afirmações. Essa medida tinha por finalidade aprimorar o controle experimental, buscando impedir que o participante percebesse a possibilidade de manter uma mesma resposta para todas as afirmações, que representasse sua posição, e assim não lesse com atenção a todas as afirmações.

Tabela 2

Questionário de Expressão de Xenofobia

Questão
1. A imigração no Brasil está fora de controle.
2. As fronteiras deviam ter a segurança reforçada para evitar entrada de imigrantes no Brasil.
3. Imigrantes causam o aumento da criminalidade.
4. Imigrantes roubam os empregos de pessoas que já vivem no Brasil.
5. Interagir com imigrantes me deixa desconfortável.
6. Eu gosto de interagir com imigrantes (R)*.
7. É bom para os imigrantes manterem-se próximos de suas raízes culturais (R).
8. Eu apreciaria interagir com imigrantes (R).
9. Eu me preocupo que os imigrantes possam espalhar doenças incomuns.
10. Receio que, em caso de guerra ou tensão política, imigrantes sejam leais ao país de origem.
11. Acredito que os imigrantes apoiarão meu país em tempos de crise (R).
12. Com o aumento da imigração, temo que nosso modo de viver mude para pior.
13. Duvido que os imigrantes coloquem os interesses deste país em primeiro lugar.
14. Temo que nossa cultura seja perdida com o aumento da imigração.

* (R) indica as afirmações com escala reversa

A coleta das medidas implícitas foi realizada utilizando a aplicação de FAST desenvolvida para o estudo. Oito conjuntos de estímulos eram utilizados na tarefa. Quatro conjuntos de estímulos neutros (N1, N2, N3 e N4) fizeram parte do Pré-Treino, compostos de palavras familiares aos participantes e não relacionadas ao tema da pesquisa; e quatro conjuntos de estímulos diferentes (A1, A2, B1, B2) fizeram parte do Treino, compostos de palavras relacionadas ao tema. Os estímulos dos blocos do Treino foram escolhidos com base na literatura (Delfim, 2017; Holanda, 1936; Mota, 2019; Souza, 2018), na busca por sinônimos e palavras de valência positiva e negativa comumente associadas a brasileiros e refugiados. A Tabela 3 apresenta as palavras de cada conjunto de estímulos.

Tabela 3

Conjuntos de Estímulos Utilizados na Tarefa FAST

Fases	Conjuntos de Estímulos			
	Estímulos N1	Estímulos N2	Estímulos N3	Estímulos N4
Pré-Treino (até 320 tentativas)	Banana, Laranja,	Vôlei, Natação,	Cinza, Azul,	Gato, Cavalo,
	Abacaxi, Maracujá	Futebol, Basquete	Roxo, Verde	Cachorro, Elefante
Treino (2 blocos de 48 tentativas)	Estímulos A1	Estímulos B1	Estímulos A2	Estímulos B2
	Imigrante, Gringo, Estrangeiro, Venezuelano	Inferior, Perigoso, Preguiçoso, Oportunista	Compatriota, Conterrâneo, Nacional, Brasileiro	Amável, Alegre, Carinhoso, Trabalhador

O Questionário de Avaliação do Procedimento (Tabela 4) apresentou tela de instruções e seis afirmações para indicação no nível de concordância em escala Likert. Três afirmações tinham teor favorável e três teor desfavorável à experiência e ao procedimento.

Tabela 4*Questionário de Avaliação do Procedimento*

Afirmação
1. O tempo do experimento foi longo.
2. O questionário foi complicado.
3. O questionário não tem relação com a realidade.
4. Eu entendi a tarefa.
5. Eu conhecia todas as palavras exibidas na tarefa.
6. Estou satisfeito por ter participado.

Procedimento

Os participantes receberam por e-mail ou por *post* nas redes sociais um link para acesso e participação na pesquisa. Nas tentativas de acesso, inicialmente, os participantes eram solicitados a inserir as informações demográficas, que serviram à estratificação dos resultados, e conhecer e registrar seu aceite ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Uma vez concluída essa parte, era então exibida aos participantes uma tela contendo definições dicionário dos principais termos apresentados no experimento (estrangeiro, imigrante, gringo, conterrâneo, compatriota e oportunista) (Apêndice B). A apresentação de uma definição destes termos buscou restringir as interpretações dada a eles pelos participantes, que poderiam ser afetadas por diferenças culturais, regionais ou mesmo experiências pessoais. Posteriormente, os participantes eram expostos à realização da tarefa FAST, para aferição das medidas de atitudes implícitas, ou ao Questionário de Expressão de Xenofobia, para coleta da medida de atitudes explícitas. A ordem de exposição dos participantes ao questionário e à tarefa era randomizada e balanceada. Ao final, os participantes eram expostos ao Questionário de Avaliação do Procedimento.

Questionário de Expressão de Xenofobia

A aplicação do questionário de xenofobia se iniciava com a apresentação, na tela, de instruções sobre a tarefa. “A seguir, 14 afirmações serão apresentadas nesta tela. Você deverá registrar o quanto concorda ou discorda delas, clicando na opção que indica se: discorda totalmente, discorda parcialmente, discorda pouco, concorda pouco, concorda parcialmente ou concorda totalmente. Pressione a barra de espaço para começar.”. As afirmações eram apresentadas individualmente na tela e avanço de uma afirmação para a seguinte estava condicionado ao registro de resposta na afirmação anterior.

Functional Acquisition Speed Test (FAST)

A tarefa FAST se desenvolvia em duas fases: Pré-Treino, para instrução sobre a tarefa, e Treino, em que se extraíam o desempenho e as curvas de aprendizagem dos participantes. Antes de cada bloco de tentativas do Pré-Treino e do Treino, a aplicação exibia orientação sobre a tarefa e os comandos executáveis. Apenas antes dos blocos da fase de Treino, o participante era informado que seu desempenho estaria sendo avaliado.

A tarefa consistia em o participante responder pressionando a tecla Z ou M de seu teclado, ante a exibição de um estímulo no centro da tela. No FAST, cada tentativa é composta pela exibição de um estímulo na tela, um *feedback* para resposta ou ausência de resposta, e um intervalo entre tentativas. Os participantes tinham até 1,5 segundos, a partir da exibição do estímulo, para responder pressionando uma das teclas. A configuração utilizando 1,5 segundos, ao invés dos 3 segundos originalmente propostos pelos autores criadores do FAST, tem base no estudo de Marcelino (2019), que comparou o desempenho de seus participantes em treinos de FAST com 1,5 e 3 segundos, e não encontrou diferença estatisticamente significantes entre os resultados nas diferentes condições. Todas as tentativas eram seguidas por 0,3 segundos de *feedback* correto ou incorreto, no caso de respostas emitidas em até 1,5 segundos, ou 0,3 segundos de *feedback* incorreto, na ausência de resposta

ou respostas emitidas após o tempo permitido. Um intervalo de 0,2 segundos entre tentativas sucedia o *feedback* e precedia a exibição do próximo estímulo. Na ausência de comando de resposta do participante durante a tarefa de FAST, a aplicação continuava mostrando estímulos na tela até a 48ª tentativa, e a ausência de resposta também era registrada para tratamento posterior. Caso o participante clicasse em “voltar” ou “atualizar” no navegador em que fazia sua participação, a aplicação era interrompida, os resultados parciais registrados para avaliação, e a aplicação reiniciada sob o mesmo código de usuário. Assim era possível saber que o participante tentou mais de uma vez e avaliar se seu desempenho poderia ser aproveitado para a composição dos resultados. Participantes que tivessem participação completa mais de uma vez, teriam apenas a primeira participação aproveitada. No caso de participações interrompidas sem serem completadas e reiniciadas, a segunda participação só seria aproveitada caso a interrupção da primeira participação fosse ainda na fase de Pré-Treino e a soma das tentativas nessa fase nas diferentes participações não fosse superior a 320.

As seguintes instruções precediam o Pré-Treino: “INSTRUÇÕES: Dentro de instantes, algumas palavras aparecerão no centro desta tela. Sua tarefa é aprender qual tecla pressionar quando uma palavra aparecer, no menor tempo possível. IMPORTANTE: Durante esta fase, você deverá pressionar apenas as teclas Z ou M. Se você demorar para pressionar uma delas ou pressionar outra tecla, sua resposta será considerada INCORRETA. Localize-as no teclado agora. Esta sessão é só um treino para lhe dar familiaridade com a tarefa. Para lhe ajudar a aprender, será exibida uma mensagem informando se pressionou a tecla CORRETA ou INCORRETA, depois de cada palavra. Pressione a BARRA DE ESPAÇO para começar.”.

A fase de Pré-Treino era composta por um único bloco de até 320 tentativas nas quais eram apresentados os estímulos dos conjuntos não relacionados de palavras familiares (estímulos N1, N2 N3 e N4). Eram consideradas respostas corretas selecionar a mesma tecla

(Z ou M) diante dos estímulos N1 e N2 e a outra tecla (Z ou M) diante dos estímulos N3 e N4. O bloco de tentativas dessa fase era encerrado caso o participante alcançasse 10 acertos consecutivos ou chegasse ao final das 320 tentativas. Em seguida, o participante era exposto à fase Treino.

As seguintes instruções precediam o 1º bloco do Treino: “AGORA ESTÁ VALENDO! A partir de agora, sua tarefa é aprender qual tecla pressionar quando uma palavra aparecer, cometendo o mínimo de erros e respondendo o mais rápido possível. LEMBRE-SE: Você deve pressionar apenas as teclas Z ou M. Se demorar para pressioná-las ou pressionar qualquer outra tecla, sua resposta será considerada INCORRETA. Localize-as no teclado agora. Para lhe ajudar a aprender, você receberá uma mensagem informando se pressionou a tecla CORRETA ou INCORRETA. Pressione a BARRA DE ESPAÇO para começar.”. O 2º bloco do Treino começava com a instrução: “MUITO BEM! Agora, as palavras e teclas foram embaralhadas. Sua tarefa é reaprender qual tecla pressionar quando uma palavra aparecer, errando o mínimo possível, e o mais rápido que conseguir. LEMBRE-SE: Você só pode pressionar as teclas Z ou M. Se demorar para pressioná-las ou pressionar outra tecla, sua resposta será considerada INCORRETA. Localize-as no teclado agora. Para ajudar no aprendizado, você vai receber de novo mensagens informando se pressionou a tecla CORRETA ou INCORRETA. Pressione a BARRA DE ESPAÇO para começar.”.

Nesta fase de dois blocos de 48 tentativas, os quatro conjuntos de palavras relacionadas ao tema da pesquisa (estímulos A1, B1, A2 e B2), igualmente configurados em pares de conjuntos associado a uma das teclas Z ou M, configuravam as condições Bloco Consistente e Bloco Inconsistente. Na condição de treino do Bloco Consistente, era considerado correto, diante dos estímulos dos conjuntos de palavras relacionadas a brasileiros (A1) e de palavras de valência positiva (B1), pressionar Z ou M (a depender da randomização) e diante dos estímulos dos conjuntos de palavras relacionadas a venezuelanos

(A2) e palavras de valência negativa (B2), pressionar a outra tecla. Na condição de treino do Bloco Inconsistente, eram considerados como correto pressionar uma das teclas (Z ou M) diante dos estímulos dos conjuntos de palavras relacionadas a brasileiros (A1) e de palavras de valência negativa (B2) e pressionar a outra tecla diante dos estímulos dos conjuntos de palavras relacionadas a venezuelanos (A2) e palavras de valência positiva (B1).

Para fins de balanceamento e observar a ocorrência de efeito de ordem, por escolha randômica, metade dos participantes foram expostos ao Bloco Consistente e em seguida ao Inconsistente, e outra metade à ordem inversa. Também foram randomizadas as teclas associadas a cada par de conjuntos, de forma que, para alguns participantes, o Bloco Consistente, por exemplo, poderia ter a tecla Z associada a palavras relacionadas a brasileiros e palavras de valência positiva, e M associada a palavras relacionadas a venezuelanos e palavras de valência negativa, e para outros participantes, o bloco poderia ter M associada a palavras relacionadas a brasileiros e palavras de valência positiva, e Z associada a palavras relacionadas a venezuelanos e palavras de valência negativa. O Bloco Inconsistente era sujeito à essa mesma randomização, que tinha por objetivo eliminar possíveis influências sobre o desempenho dos participantes, decorrentes da posição das teclas.

Questionário de Avaliação do Procedimento

Concluída a tarefa de FAST e o Questionário de Expressão de Xenofobia, os participantes eram apresentados à instrução “Estamos acabando... Agora gostaria de saber sua opinião sobre a participação neste experimento. A seguir, 6 afirmações serão apresentadas nesta tela. Você deverá registrar sua opinião, indicando se: discorda totalmente, discorda parcialmente, discorda pouco, concorda pouco, concorda parcialmente ou concorda totalmente. Pressione a BARRA DE ESPAÇO para começar.”, os participantes visualizavam os itens do Questionário de Avaliação do Procedimento, um novo item por tela, sendo a resposta ao item apresentado condicionante para avançar para o próximo item. Ao fim da

participação, a aplicação direcionava o participante a uma página de agradecimento, enquanto registrava os dados de seu desempenho para análise posterior. Além dos dados pessoais/demográficos informados pelo participante, eram registrados seu tempo detido em cada tela de instrução e de exibição das afirmações dos questionários, o tempo até sua escolha entre as opções de resposta no questionário, os estímulos exibidos, o tempo de reação entre a exibição do estímulo no centro da tela e a resposta de pressionamento de uma tecla, a resposta registrada (Z, M ou opção na escala Likert) e se correta ou incorreta, o tempo decorrido total de tarefa, a quantidade de respostas corretas acumuladas na tarefa, o total de tentativas transcorridas, a acurácia alcançada até cada tentativa, além de qualificadores relativos à ordem das atividades à qual o participante foi exposto (questionário antes e tarefa depois ou o contrário), à ordem dos blocos à qual foi exposto (Consistente antes e Inconsistente depois ou o contrário), data e hora de início e identificador numérico único do participante, número da participação (para separar repetidas participações de um mesmo indivíduo) e identificador das associações esperadas na condição (variável de acordo com as combinações vigentes de teclas e estímulos).

Análise de dados

A análise dos dados foi feita utilizando os softwares MS Excel e SPSS, a partir da extração dos arquivos de texto gerados pela aplicação e disponibilizados no servidor MindProbe. Inicialmente, foi calculada a curva de aprendizagem de cada participante, aplicando-se a função “inclinação” ou “*slope*” do MS Excel, nos dados relativos às tentativas reforçadas e tempo de resposta registrado nessas tentativas. As curvas foram calculadas separadamente para os desempenhos do Bloco Consistente e do Bloco Inconsistente, e subtraídas para obtenção do valor da diferença entre as curvas e conclusão sobre o bloco de aprendizagem. Valores de diferença positivos foram tratados como representativos de curvas de aprendizagem mais rápidas.

Apesar de os testes estatísticos apontarem para normalidade dos dados da amostra total de participantes e também das amostras estratificadas, para uma análise estatística mais rígida, definiu-se o tratamento dos dados de amostras com menos de 30 elementos como não paramétricos, independentemente dos resultados encontrados em testes paramétricos, e como paramétricos os dados das amostras maiores que isso, desde que normais. Assim, foi testada a normalidade dos dados no SPSS, utilizando o método paramétrico Kolmogorov-Smirnov, o que foi positiva para os valores encontrados no conjunto total participantes, para todas as variáveis analisadas (quantidade de acertos, tempo de resposta, tempo médio de resposta, tempo total de resposta, acurácia, tempo transcorrido de tarefa e diferença). A normalidade foi testada também para os valores estratificados em conjuntos que separavam os participantes por grupos de cidades e gênero. O resultado foi igualmente positivo. Para o estrato de participantes do grupo de cidades formado por Boa Vista, Curitiba e São Paulo, foi utilizado o teste não paramétrico Shapiro-Wilk, por tratar-se de um estrato pequeno, e para os demais foi repetido o teste Kolmogorov-Smirnov. A análise da significância dos dados encontrados foi feita aplicando-se o teste t de Student, quando a amostra abarcava todos os participantes ou comparava resultados diferentes de uma mesma amostra grande, como o estrato de participantes de qualquer cidade. Os testes não paramétricos de Wilcoxon e Mann-Whitney, foram usados quando a comparação envolvia ao menos um resultado de estratos menores, como o de participantes das cidades de Boa Vista, Curitiba e São Paulo, sendo Wilcoxon aplicado aos testes em amostras pareadas e Mann-Whitney nos testes de amostras independentes. A correlação entre as variáveis de desempenho também foi calculada tratando a amostra total ou maior como paramétrica e amostras de estratos menores como não paramétricas, sendo o coeficiente de Pearson aplicado às primeiras e o coeficiente de Spearman às últimas. O tamanho do efeito foi calculado pelo d de Cohen, sobre as amostras consideradas paramétricas e p de Pearson, sobre as amostras tratadas como não paramétricas.

Resultados

Completaram o experimento 135 participantes - 49 homens e 86 mulheres. Destes totais, 37 homens e 65 mulheres – total de 102 participantes – passaram pelo critério de acertos da fase de Pré-treino e compuseram os resultados apresentados nesta seção. As idades dos participantes variaram entre 17 e 65 anos (média de 32 anos e desvio padrão de 10,00). Estratificados por gênero, o estrato feminino apresentou idade entre 19 e 65 anos (média de 33 anos e desvio padrão de 10,98); e o estrato masculino idades entre 17 e 54 (média de 31 anos e desvio padrão 8,03). O perfil dos participantes, com base no gênero, faixa etária e sua localização está apresentado nas Tabelas 5 e 6.

Tabela 5

Participantes Classificados por Cidade e Faixa Etária

Cidade	n	Faixa etária			
		Menos de 30 anos	30 a 40 anos	40 a 50 anos	Acima de 50 anos
Boa Vista/RR	6	5	1	-	-
Curitiba/PR	8	4	3	1	-
São Paulo/SP	11	5	3	1	2
Outras Cidades	77	37	25	9	6
Total	102	51	32	11	8

A estratificação por localização, separa os participantes em grupo das cidades que acolheram mais refugiados (Grupo A), composto por Boa Vista, Curitiba e São Paulo, de acordo com dados consultados em dezembro de 2021 na Plataforma de Coordenação

Interagencial para Refugiados e Migrantes (R4V), e grupo das demais cidades (Grupo B). Do total de 102 participantes, 25 compõem o estrato do Grupo A e 77 compõem o Grupo B. A idade dos participantes do Grupo A foi entre 19 e 65 anos (média de 32 anos e desvio padrão 11,37). O Grupo B teve participantes com idade variando entre 17 e 60 anos (média de 32 anos e desvio padrão 9,60 anos).

Tabela 6

Participantes Classificados por Cidade e Gênero

Cidade	Gênero	n	Idade			
			Mín	Máx	M	SD
Boa Vista/RR	Feminino	4	21	27	25	2,83
	Masculino	2	22	34	28	8,49
Curitiba/PR	Feminino	5	19	36	28	7,28
	Masculino	3	20	47	34	13,50
São Paulo/SP	Feminino	10	23	65	37	14,22
	Masculino	1	27	27	27	-
Outras Cidades	Feminino	46	19	60	33	10,65
	Masculino	31	17	54	31	7,81
Total		102	17	65	32	10,00

Nota. n: quantidade de participantes do estrato, Mín: idade mínima dos participantes, Máx: idade máxima, M: idade média do estrato, SD: desvio padrão da idade média.

A Tabela 7 apresenta a média dos valores escolhidos pelos participantes na escala Likert em cada um dos itens do Questionário de Expressão de Xenofobia (1 - Discordo totalmente, 2 – Discordo parcialmente, 3 - Discordo pouco, 4 – Concordo pouco, 5 - Concordo parcialmente e 6 - Concordo totalmente). A tabela apresenta primeiro as afirmações que indicam viés contra imigrantes, seguidas das afirmações que apresentam viés a favor de imigrantes. Valores em negrito destacam resultado médio do grupo superior à média observada para o total de participantes. As afirmações de viés favorável tiveram seus escores revertidos para as análises pelo total geral, de forma que a opção de 6 pontos foi revertida para 1, de 5 pontos para 2 e 4 pontos para 3. Assim, quanto mais alta a pontuação alcançada pela soma das respostas, mais elevado o grau de viés representativo de xenofobia. Em termos médios gerais, os participantes da pesquisa registraram respostas que não parecem refletir viés (média de 1,81 pontos na escala, com desvio padrão médio de 1,16 pontos). Por esse resultado, pode-se concluir que os participantes concentraram suas respostas nas opções mais extremas da escala, ou seja, os resultados encontrados mostram prevalência de registro das respostas nas opções de mais concordância ou nas de menos discordância, quando as afirmações mostradas tinham viés favorável a imigrantes, e das opções de mais discordância ou menos concordância na exibição das afirmações de viés desfavorável. Quando analisados os dados comparando as cidades dos grupos A e B, os valores médios gerais ficaram bastante próximos e não apresentaram diferença estatisticamente significativa, conforme teste Mann-Whitney (médias 1,96 pontos para o Grupo A e 1,76 para o Grupo B, $Z=-0,728$ e $p=0,466$).

Tabela 7*Valores Médios das Respostas no Questionário de Expressão de Xenofobia*

Afirmação	Grupo A		Grupo B		Total	
	(n=25)		(n=77)		(n=102)	
	M	SD	M	SD	M	SD
A imigração no Brasil está fora de controle.	2,52	1,75	1,94	1,28	2,08	1,43
As fronteiras deviam ter a segurança reforçada para evitar a entrada de imigrantes no Brasil.	2,44	1,65	1,91	1,24	2,04	1,37
Com o aumento da imigração, temo que nosso modo de viver mude para pior.	1,60	1,10	1,44	0,76	1,48	0,86
Duvido que os imigrantes coloquem os interesses do Brasil em primeiro lugar.	3,24	1,70	2,73	1,39	2,85	1,49
Eu me preocupo que os imigrantes possam espalhar doenças incomuns.	1,48	1,14	1,58	1,10	1,56	1,11
Imigrantes causam o aumento da criminalidade.	1,88	1,31	1,61	0,96	1,68	1,06
Imigrantes roubam os empregos de pessoas que já vivem no Brasil.	1,48	1,02	1,48	0,78	1,48	0,85
Interagir com imigrantes me deixa desconfortável.	1,76	1,24	1,38	0,81	1,47	0,95
Receio que, em caso de guerra ou tensão política, imigrantes sejam leais ao seu país de origem.	2,80	1,47	2,64	1,54	2,68	1,52
Tenho medo que nossa cultura seja perdida com o aumento da imigração.	1,40	0,89	1,42	0,93	1,41	0,92
Total para afirmações de viés desfavorável a imigrantes	2,06	1,49	1,81	1,21	1,87	1,29

Tabela 7*Valores Médios das Respostas no Questionário de Expressão de Xenofobia*

Afirmção	Grupo A		Grupo B		Total	
	(n=25)		(n=77)		(n=102)	
	M	SD	M	SD	M	SD
Acredito que os imigrantes apoiarão meu país em tempos de crise.	4,44	1,27	4,52	1,22	4,50	1,23
Eu gostaria de interagir com imigrantes.	5,32	1,19	5,49	0,86	5,45	0,96
Eu gosto de interagir com imigrantes.	5,20	1,17	5,49	0,82	5,42	0,92
Tudo bem se os imigrantes mantiverem seus hábitos e raízes culturais.	5,48	1,17	5,44	1,04	5,45	1,07
Total para afirmações de viés favorável a imigrantes	5,11	1,26	5,24	1,08	5,21	1,13
Média geral, com reversão dos escores das afirmações de viés favorável.	1,96	1,34	1,76	1,10	1,81	1,16

Nota. Grupo A: cidades que mais acolheram refugiados, Grupo B: demais cidades, *n*: quantidade de participantes, M: valor médio das respostas, SD: desvio padrão.

Valores médios de grupo que sejam mais altos que valores médios do total de participantes, para uma determinada afirmação desfavorável, representam prevalência do registro das opções de respostas de menos concordância ou mais discordância desse grupo com a afirmação. Valores médios de grupo mais elevados que valores médios do total de participantes, para uma determinada afirmação favorável, representam prevalência do registro das opções de respostas de mais concordância ou menos discordância desse grupo com essa afirmação. Com exceção das afirmações “Imigrantes roubam os empregos de pessoas que já

vivem no Brasil.”, “Tenho medo que nossa cultura seja perdida com o aumento da imigração.” e “Eu me preocupo que os imigrantes possam espalhar doenças incomuns.”, o Grupo A mostrou valores médios superiores à média geral para todas as afirmações de viés desfavorável a imigrantes. O Grupo B mostrou resultados superiores à média geral apenas nessas três afirmações desfavoráveis. Interessante observar que a afirmação desfavorável “Imigrantes roubam os empregos de pessoas que já vivem no Brasil.” apresentou resultados médios muito próximos entre os dois grupos (média de 1,48, com aproximadamente 0,0005 de diferença apenas) além do segundo desvio padrão mais baixo dos dois grupos (1,02 no Grupo A e 0,78 no Grupo B), mostrando a maior homogeneidade das respostas em torno dessa afirmação. A afirmação “A imigração no Brasil está fora de controle.” foi a que mostrou resultados médios mais distantes entre os calculados para os Grupos A e B, com as médias de 2,52 e 1,94, respectivamente (diferença de 0,58 não significativa, $Z=-1,124$ e $p=0,262$). As afirmações de viés desfavorável “Duvido que os imigrantes coloquem os interesses do Brasil em primeiro lugar.” e “Receio que, em caso de guerra ou tensão política, imigrantes sejam leais ao seu país de origem.” tiveram as médias de respostas mais elevadas, entre todas as afirmações, em ambos os grupos (média de 2,80 para o Grupo A e 2,64 para o Grupo B, estatisticamente não significativa $Z=-1,307$ e $p=0,191$). O resultado médio geral dos valores das respostas do Grupo A nas afirmações de teor desfavorável também foi superior ao resultado do Grupo B e à média geral do total de participantes e (2,06, 1,81 e 1,87, respectivamente). As diferenças entre os grupos A e B, porém, não foram estatisticamente significantes ($Z=-0,063$ e $p=0,950$).

Nas afirmações de viés favorável a imigrantes, o Grupo B mostrou médias superiores às médias do total de participantes, em 3 das 4 afirmações, enquanto o Grupo A mostrou resultado superior à média em apenas uma afirmação. Esse desempenho denota o registro de mais respostas de mais concordância ou menos discordância para essas afirmações.

Excetuou-se a afirmação “Tudo bem se os imigrantes mantiverem seus hábitos e raízes culturais.”, em que a média observada para o Grupo B foi 5,44, frente à média 5,45 do total de participantes e 5,48 do Grupo A ($Z=-0,817$ e $p=0,141$, para diferença entre os grupos A e B não significativa). O valor médio geral dos resultados do Grupo B nas afirmações favoráveis também foi superior ao valor médio geral do total de participantes e do Grupo A para essas afirmações (5,24 frente a 5,11 e 5,21, respectivamente, porém, essas diferenças não foram estatisticamente significantes entre os grupos A e B, $Z=-1,153$ e $p=0,249$).

Os valores de desvio padrão encontrados foram, em geral, mais elevados no Grupo A que no Grupo B e que para o total de participantes. Excetuaram-se as afirmações de viés desfavorável “Tenho medo que nossa cultura seja perdida com o aumento da imigração.” e “Receio que, em caso de guerra ou tensão política, imigrantes sejam leais ao seu país de origem.”. Esse resultado evidencia que os participantes do Grupo A distribuíram suas respostas às afirmações com uma variabilidade mais alta, enquanto os participantes do Grupo B tenderam a concentrar mais suas respostas em torno de menos opções.

Os resultados do FAST são avaliados a partir das curvas de aprendizagem dos participantes, extraídas da relação entre acertos acumulados (tentativas reforçadas) e tempo decorrido desde a exibição em tela do primeiro estímulo até o pressionamento de tecla Z ou M pelo participante, na exibição do último estímulo (48º, nesta pesquisa). As curvas são calculadas para os blocos Consistente e Inconsistente separadamente e os valores mais altos revelam curvas com inclinação maior e aprendizagem mais rápida. No presente estudo, o Bloco Consistente testava o responder para as relações entre palavras relacionadas a brasileiros e palavras de valência positiva, e palavras relacionadas a venezuelanos com palavras negativas. O Bloco Inconsistente testava o responder para as relações entre palavras relacionadas a brasileiros e palavras de valência negativa, e palavras relacionadas a venezuelanos com palavras de valência positiva. Cada tentativa durava até 1500

milissegundos e, deste modo, para cada uma das 48 tentativas de cada bloco, há 1500 posições possíveis em que pode ser registrado o erro ou acerto do participante pelo FAST, observando o responder pressionando a tecla associada ao estímulo.

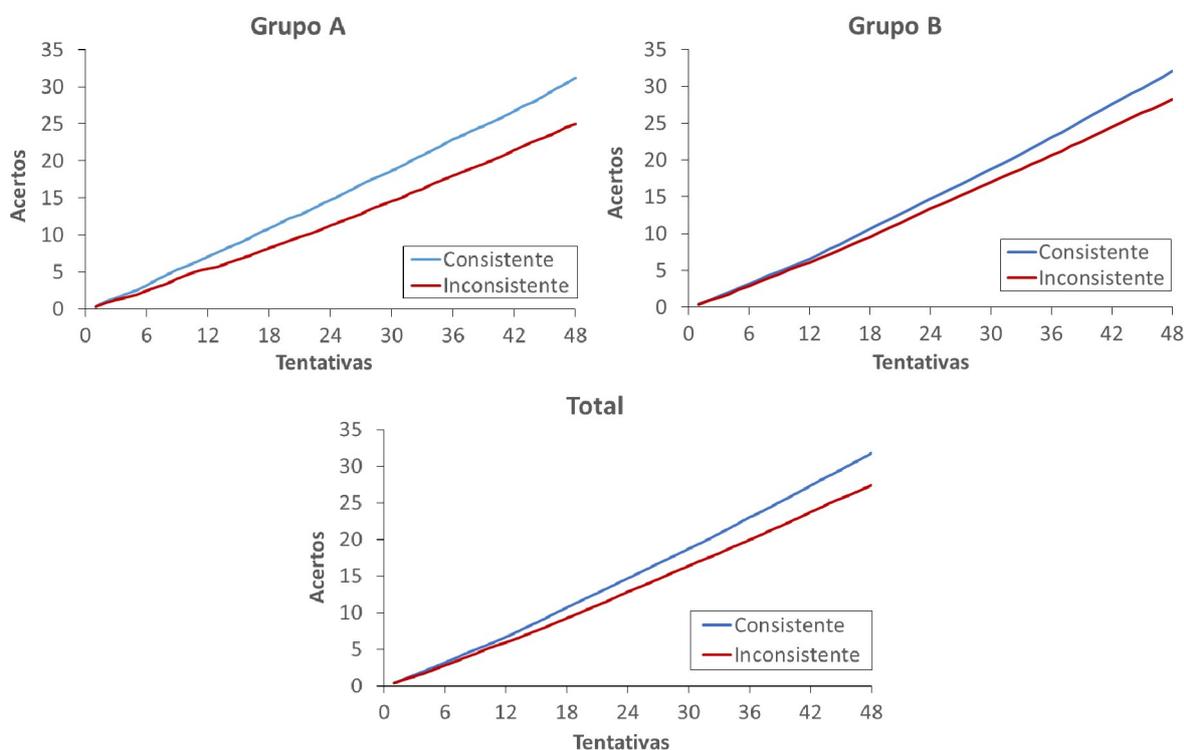
O presente estudo chegou a 204 curvas de aprendizagem distintas, que se caracterizam por desenvolverem-se em acúmulos de acertos diferentes, alcançados em tempos decorridos de tarefa diferentes. Ou seja, pela natureza dessas curvas, elas evoluem em eixos Y diferentes (na forma de acertos acumulados em sequências de acúmulo distintas) em função de eixos X diferentes (tempo decorrido a cada acerto também distintos para cada participante). A demonstração gráfica de um desempenho médio do total de participantes ou uma curva de aprendizagem representativa da média total de cada estrato possível, com ressalvas, pode ser feita pela apresentação de um gráfico de dispersão dos desempenhos dos estratos em cada bloco. Essa representação considera a quantidade média de acertos alcançados por cada estrato em função da mesma quantidade de tempos médios decorridos de tarefa a cada acerto. Por exemplo, digamos que um grupo de três participantes alcançou 5 acertos em 10 tentativas e que o primeiro participante alcançou o primeiro acerto em 0,5 segundo, o segundo participante em 1 segundo e o terceiro em 1,5 segundos. A representação do desempenho médio desse grupo então terá 5 pontos, sendo que o primeiro ponto em Y no gráfico de dispersão cruzará o eixo X na posição 1 segundo, (média dos tempos 0,5; 1 e 1,5 segundos).

A Figura 1 traz os gráficos mostrando a evolução das medidas de Acertos nos blocos Consistente e Inconsistente. A porção da esquerda da figura apresenta os dados dos participantes do Grupo A, a porção à direita traz os dados dos participantes do Grupo B e a porção central baixa representa os dados de todos os participantes agrupados. Nos três gráficos a linha vermelha representa os acertos acumulados ao longo das 48 tentativas de tarefa no Bloco Inconsistente e a linha azul representa os acertos acumulados no Bloco Consistente. A análise visual permite observar certa regularidade dos desempenhos nos

diferentes blocos e estratos. O desempenho foi similar no Bloco Consistente dos dois estratos e se manteve, em geral, acima do desempenho observado durante as 48 tentativas do Bloco Inconsistente. A distância entre as curvas de aprendizagem foi maior no Grupo A, com trajetórias que se distanciam mais marcadamente a partir da 6ª tentativa.

Figura 1

Acertos Acumulados ao Longo das Tentativas



O total de 102 participantes alcançou, em média 32 acertos no Bloco Consistente e 27 acertos no Bloco Inconsistente. Os participantes do Grupo A alcançaram, em média, 31 acertos no Bloco Consistente e 25 acertos no Bloco Inconsistente. Os participantes do Grupo B acertaram em média 32 tentativas no Bloco Consistente e 28 no Bloco Inconsistente. Em termos relativos, é possível afirmar que o desempenho dos participantes dos grupos é similar no Bloco Consistente (66,2%, 64,7% e 66,8% de tentativas certas do total de participantes, Grupo A e Grupo B, respectivamente, diferença de 2,1% ou 1 tentativa acertada entre os

grupos A e B, $z=-0,499$ e $p=0,618$) e se diferencia mais no Bloco Inconsistente (57,1%, 52,2% e 58,8% de tentativas certas do total, Grupo A e Grupo B, respectivamente, diferença de 6,6%, ou 3 tentativas entre os grupos A e B, $z=-1,757$ e $p=0,79$).

A diferença entre os desempenhos, especialmente entre os grupos A e B, é melhor percebida pela análise visual das curvas de acurácia (relação entre a quantidade total de acertos e tentativas transcorridas ao longo dos blocos), mostradas na Figura 2. A Tabela 8 apresenta os valores que determinaram essas curvas e as análises estatística possíveis a partir deles. A acurácia média alcançada pelos 102 participantes foi de 64,7% no Bloco Consistente e 55,8% no Bloco Inconsistente (diferença estatisticamente significativa de $p<0,001$ e tamanho do efeito $d=0,14$), com estabilização do desempenho acima de 50% na 11ª tentativa no Bloco Consistente e 22ª tentativa no Bloco Inconsistente. Os dados estratificados mostram que a acurácia média alcançada pelos participantes no Bloco Consistente dos dois grupos é próxima, 63,5% para o Grupo A e 65,4% para o Grupo B, com estabilização da acurácia acima de 50% a partir da 8ª tentativa pelos participantes do Grupo A e em média a partir da 12ª tentativa pelos participantes do Grupo B. A diferença maior aparece na curva de acurácia desses grupos nas tentativas do Bloco Inconsistente. Os participantes do Grupo A alcançaram 50,8% de acurácia ao final do bloco, em média, e os participantes do Grupo B, 57,4%. A acurácia se estabilizou acima de 50% apenas a partir da 43ª tentativa dos participantes do Grupo A, enquanto o mesmo nível de acurácia é observado bem mais cedo entre os participantes do Grupo B, a partir da 18ª tentativa. A diferença entre os desempenhos nos blocos Consistente e Inconsistente, dentro de cada grupo, foi estatisticamente significativa nos grupos com tamanho de efeito bastante superior no desempenho do Grupo A ($Z=-2,853$, $p=0,004$ e $r=0,571$ para o Grupo A, e $t=3,93$, $p<0,001$ e $d=0,128$ para o Grupo B).

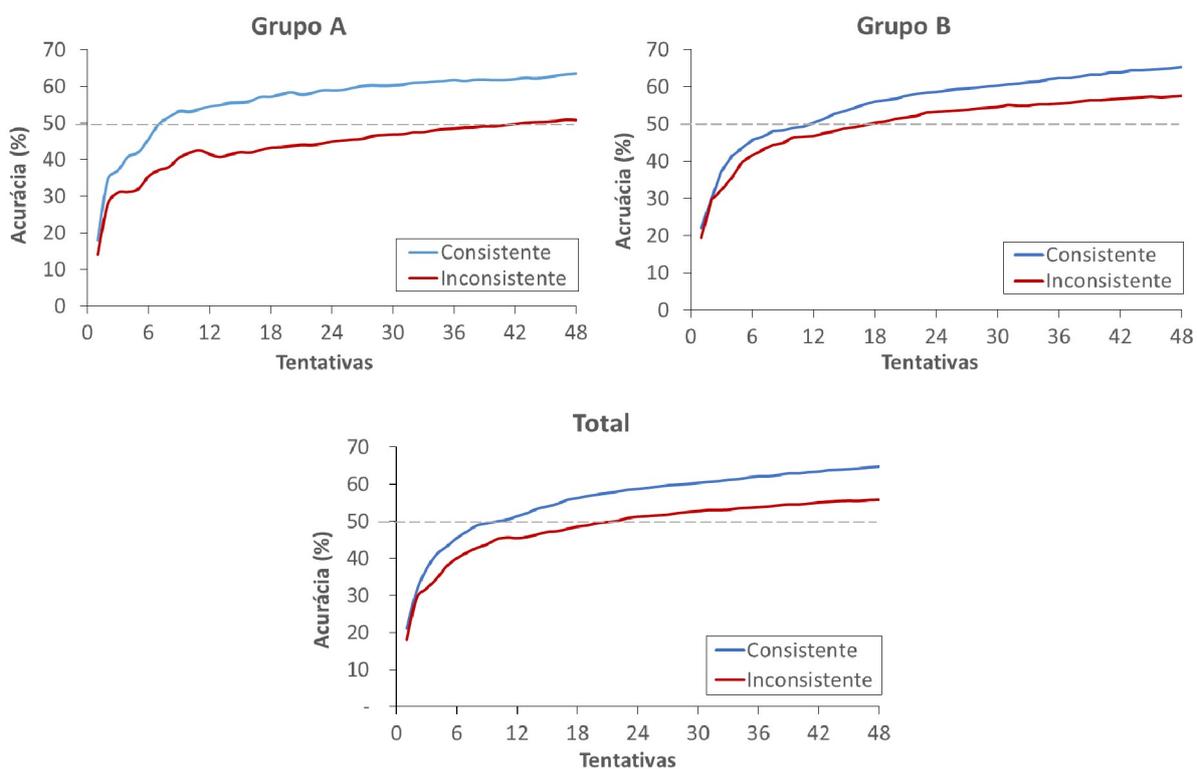
Tabela 8

Valores Médios Representativos das Curvas de Acurácia dos Participantes, Estratificados por Grupo de Cidades

Cidade	n	Bloco	Bloco	Diferença	Significância	Tamanho do Efeito
		Consistente	Inconsistente			
Grupo A	25	63,5%	50,8%	12,7%	$p=0,004$	$r=0,571$
Grupo B	77	65,4%	57,4%	8,0%	$p<0,001$	$d=0,128$
Total	102	64,7%	55,8%	8,9%	$p<0,001$	$d=0,14$

Figura 2

Acurácia dos Participantes de Cada Grupo, ao Longo das Tentativas



A diferença de desempenho nas curvas de aprendizagem é representada pelo resultado da subtração da curva calculada para o Bloco Inconsistente da calculada para o Bloco

Consistente, o que os autores que propuseram o FAST convencionaram chamar de Fluência. Resultados de Fluência positivos marcam viés favorável às relações tidas como consistentes (no caso desta pesquisa, palavras relacionadas a brasileiros com palavras de valência positiva, e palavras relacionadas a venezuelanos e palavras de valência negativas). Resultados negativos marcam viés favorável às relações tidas como inconsistentes (palavras relacionadas a brasileiros com palavras de valência negativa, e palavras relacionadas a venezuelanos com palavras de valência positiva).

O valor médio encontrado para as curvas de aprendizagem dos 102 participantes do estudo foi 0,52 no Bloco Consistente e 0,44 no Bloco Inconsistente, diferença positiva de 0,8, com desvios padrão de 0,14 e 0,12, respectivamente. A avaliação desses valores totais mostra a prevalência de viés favorável às relações consistentes e desfavorável às tidas como inconsistentes. Essa diferença é mais acentuada entre os participantes dos Grupo A, conforme mostram as Tabelas 9 e 10, que apresentam os valores médios das curvas de aprendizagem em cada bloco do FAST, calculadas para os participantes das cidades que mais acolheram participantes (Grupo A) e demais cidades (Grupo B), e a diferença entre os valores das curvas, entendido como marcador de um dos vieses.

A análise quantitativa foi realizada, essencialmente, com base nos 204 valores de curva de aprendizagem encontrados para os 102 participantes (102 curvas do Bloco Consistente e 102 do Inconsistente). Buscando avaliar a significância da diferença entre as curvas de aprendizagem nos blocos Consistente e Inconsistente, foi aplicado teste t de Student sobre os valores das curvas dos 102 participantes sem estratificação. Os testes revelaram significância dos valores das diferenças entre as curvas ($t=4,636$, $p<0,001$, $d=0,25$).

Tabela 9

*Valores Médios Representativos das Curvas de Aprendizagem dos Participantes,
Estratificados por Grupo de Cidade*

Cidade	n	Bloco Consistente	Bloco Inconsistente	Diferença	Significância	Tamanho do efeito
Grupo A	25	0,51	0,40	0,11	$p=0,013$	$r=0,498$
Grupo B	77	0,52	0,46	0,07	$p<0,001$	$d=0,127$
Total	102	0,52	0,44	0,08	$p<0,001$	$d=0,25$

Como o estrato de participantes do Grupo A é inferior a 30 ($n=25$) a significância da diferença entre as curvas do Bloco Consistente e do Bloco Inconsistente do Grupo A foi calculada usando o teste de Wilcoxon. O resultado encontrado foi estatisticamente significativo e com tamanho de efeito relativamente elevado ($z=-2,489$, $p=0,013$ e $r=0,498$). Para a diferença entre as curvas do Grupo B ($n=77$), foi aplicado o teste t Student, que também apontou para diferença estatisticamente significativa e tamanho de efeito baixo ($t=3,592$, $p<0,001$, $d=0,127$). Essas análises permitem afirmar que os desempenhos aferidos nos diferentes blocos do FAST, dentro de cada estrato de participantes, confirmam o viés favorável do conjunto total de participantes às relações tidas como consistentes e desfavorável às tidas como inconsistentes.

Um teste de Mann-Whitney foi aplicado para verificar a significância da diferença entre a curva do Bloco Consistente do Grupo A e a curva do Bloco Consistente do Grupo B, e entre a curva do Bloco Inconsistente do Grupo A e a curva do Bloco Inconsistente do Grupo B. De acordo com o resultado, a diferença entre os valores das curvas do Bloco Consistente não é estatisticamente significativa ($z=-0,541$ e $p=0,589$) e entre os valores das curvas do

Bloco Inconsistente é significativo ($z=-1,964$ e $p=0,049$). As curvas obtidas nas diferentes condições foram comparadas em função da ordem de exposição dos participantes à tarefa (Bloco Consistente seguido de Inconsistente ou Bloco Inconsistente seguido de Consistente), e as diferenças encontradas não foram estatisticamente significantes ($p=0,497$ para as curvas do Bloco Consistente e $p=0,128$ para as do Bloco Inconsistente).

A Tabela 10 apresenta o valor médio das curvas de aprendizagem estratificadas por grupo de cidades e faixa etária dos participantes. Os resultados apontam para prevalência de viés favorável às relações consistentes em todos os estratos. Os desempenhos observados nos diferentes estratos por faixa etária do Grupo A, no Bloco Inconsistente, são bastante próximos, com curvas médias de cada faixa indo de 0,38 (nos estratos entre 40-50 anos e >50 anos) até o máximo de 0,41 (no estrato <30 anos), e média do grupo de 0,40. No Bloco Consistente, os desempenhos do Grupo A variam mais entre os extratos, indo de 0,38 (entre 40-50 anos) a 0,61, (entre 30-40) e média de 0,51. O Grupo B mostra curvas mais rápidas em ambos os blocos, além de um desempenho mais heterogêneo no Bloco Inconsistente que o Grupo A, com curvas médias por faixa etária indo de 0,36 (>50 anos) a 0,47 ($\leq 30-40$ anos), e média de 0,46 no Bloco Inconsistente, e indo de 0,47 (>50 anos) a 0,56 (<30 anos), com média de 0,52 no Bloco Consistente. Esses valores e a diferença mais acentuada entre as curvas do Grupo A (diferença de 0,10, $Z=-1,633$ e $p=0,102$ no Grupo A, e 0,06, $Z=-1,826$ e $p=0,068$ no Grupo B) apontam para o que pode denotar um viés desfavorável às relações inconsistentes menor entre os participantes do Grupo B e maior e mais consistente (dada a homogeneidade de desempenhos) entre os participantes do Grupo A.

Tabela 10

Valores Médios Representativos das Curvas de Aprendizagem dos Participantes, Estratificados por Grupo de Cidade e Faixa Etária

Cidade	Faixa etária	Bloco Consistente	Bloco Inconsistente	Diferença
Grupo A	<30 (n=14)	0,48	0,41	0,07
	30-40 (n=7)	0,61	0,39	0,22
	40-50 (n=2)	0,38	0,38	0,00
	>50 (n=2)	0,45	0,38	0,07
Total	(n=25)	0,51	0,40	0,11
Grupo B	<30 (n=37)	0,56	0,47	0,09
	30-40 (n=25)	0,48	0,47	0,01
	40-50 (n=9)	0,51	0,43	0,08
	>50 (n=6)	0,47	0,36	0,11
Total	(n=77)	0,52	0,46	0,06
Total	<30 (n=51)	0,54	0,45	0,09
	30-40 (n=32)	0,51	0,45	0,06
	40-50 (n=11)	0,49	0,42	0,07
	>50 (n=8)	0,47	0,37	0,10
Total	(n=102)	0,52	0,44	0,08

Nota. n: quantidade de participantes.

A Tabela 11 mostra a quantidade mínima, máxima e média de acertos nos blocos Consistente e Inconsistente para todos os participantes e para os grupos A e B (Acertos). A

tabela mostra também o menor tempo, maior e médio que os participantes levaram concluir cada bloco (Tempo), valores esses que incluem o tempo de reação somado ao intervalo entre tentativas e feedback, e percentuais mínimo, máximo e médio alcançados de acurácia até o fim do bloco (Acurácia). Ainda, os valores mínimo, máximo e médio do tempo de reação (TR) para emissão de 1 resposta, do tempo de reação médio dos participantes no bloco (TR Médio) e da soma dos tempos de reação registrados ao longo do bloco (TR Total).

O tempo médio (Tempo) necessário para conclusão de cada bloco da tarefa mostra valores superiores no desempenho do Grupo A no Bloco Inconsistente, e no Bloco Consistente para o Grupo B (64,08 segundos no Bloco Inconsistente, 62,09 segundos no Bloco Consistente para o Grupo A, 62,78 segundos no Bloco Consistente e 63,54 segundos no Bloco Inconsistente para o Grupo B). Isso significa que o Grupo A precisou de mais tempo para completar o bloco de tentativas com relações inconsistentes enquanto o Grupo B precisou de mais tempo no bloco de relações consistentes. O tempo médio de reação dos participantes (TR Médio), aferido de ambos os estratos de cidades, foi superior no Bloco Inconsistente para o Grupo A (0,82 segundos no Bloco Inconsistente frente a 0,77 segundos no Bloco Consistente). Esses valores demonstram que no Bloco Inconsistente os participantes do Grupo A consumiram mais tempo para concluir a tarefa, com respostas mais lentas e acumulando menos acertos, enquanto o Grupo B precisou de um pouco mais de tempo no Bloco Consistente, porém acumulou mais acertos.

Não foi estatisticamente significante o resultado da comparação entre as latências aferidas nas diferentes ordens de exposição dos participantes à tarefa (Bloco Consistente seguido de Inconsistente – 75 e 77 segundos, ou Bloco Inconsistente seguido de Consistente – 79 e 68 segundos), conforme teste de efeito de ordem realizado pelos autores propositores do FAST ($p=0,178$ para a diferença entre as latências aferidas nas tentativas do Bloco Consistente e $p=0,723$ para a diferença entre as latências do Bloco Inconsistente).

Tabela 11*Desempenho dos Participantes por Grupo de Cidades, nas Medidas Disponíveis do FAST*

Grupos	Medida	Bloco Consistente				Bloco Inconsistente			
		Mín	Máx	M	SD	Mín	Máx	M	SD
Grupo A (n=25)	Acertos	19	45	31	8,10	6	46	25	7,62
	Tempo (seg)	46,74	74,15	62,08	7,18	41,02	79,75	64,08	8,33
	Acurácia (%)	39%	92%	63%	17%	12%	94%	51%	16%
	TR (seg)	0,02	1,51	0,71	0,29	0,18	1,05	0,75	0,20
	TR Médio (seg)	0,42	1,01	0,77	0,15	0,35	1,23	0,82	0,18
	TR Total (seg)	21,46	48,34	36,80	7,28	16,77	59,05	39,65	8,91
Grupo B (n=77)	Acertos	18	46	32	7,53	14	42	28	7,24
	Tempo (seg)	29,16	76,41	63,54	8,41	39,93	76,03	62,78	7,85
	Acurácia (%)	37%	94%	65%	15%	29%	86%	57%	15%
	TR (seg)	0,09	1,51	0,72	0,26	0,07	1,51	0,79	0,32
	TR Médio (seg)	0,10	1,07	0,80	0,17	0,30	1,07	0,79	0,16
	TR Total (seg)	4,56	51,30	38,39	8,31	14,63	51,58	38,11	7,78
Totais (N=102)	Acertos	18	46	31	7,64	6	46	27	7,43
	Tempo (seg)	29,16	76,41	63,20	8,03	39,93	79,75	63,10	7,95
	Acurácia (%)	37%	94%	65%	16%	12%	94%	56%	15%
	TR (seg)	0,02	1,51	0,72	0,26	0,07	1,51	0,78	0,29
	TR Médio (seg)	0,10	1,07	0,79	0,17	0,30	1,23	0,80	0,16
	TR Total (seg)	4,75	51,30	38	8,06	14,63	59,05	38,50	8,05

Nota. TR: tempo de reação por tentativa; TR Médio: tempo de reação médio no bloco, TR Total: tempo de reação total acumulado no bloco, Mín: valor mínimo da medida, Máx: valor máximo para a medida, M: valor médio da medida e SD: desvio padrão dos valores médios.

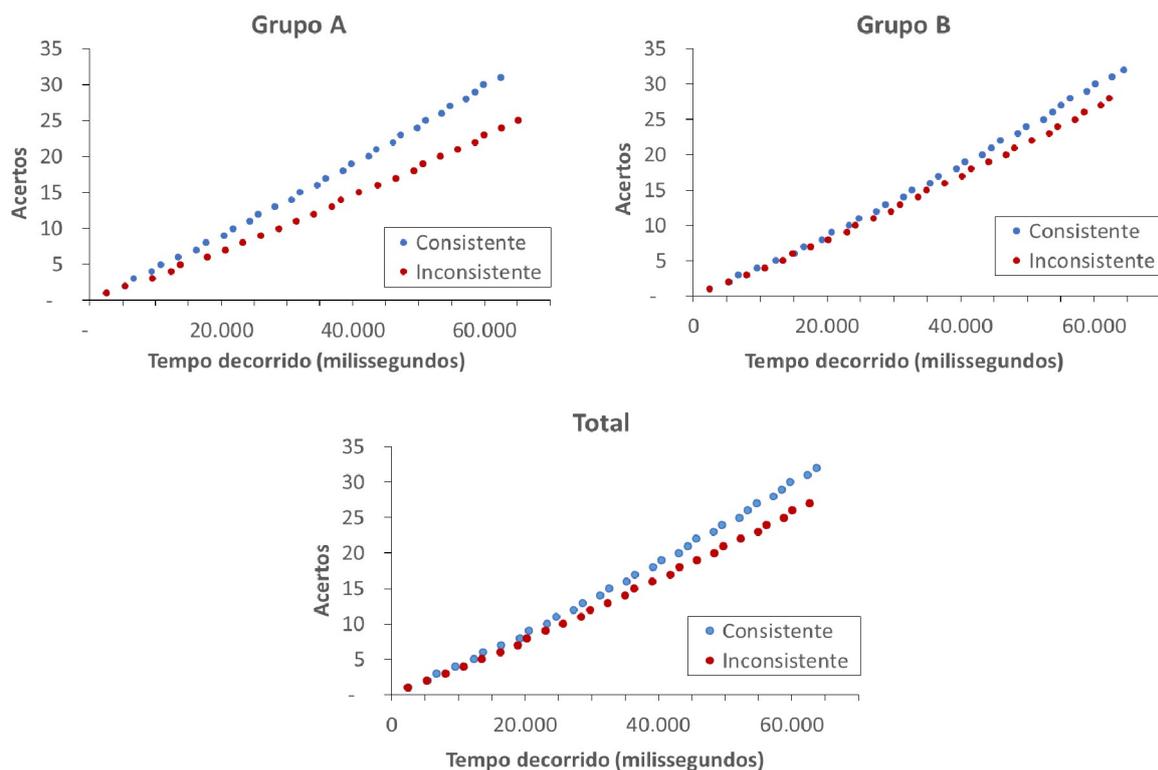
Também foi testado se houve efeito decorrente da ordem de exposição dos participantes ao Questionário de Expressão de Xenofobia e ao FAST. Nenhuma diferença estatisticamente significativa foi percebida entre as latências ($p=0,072$ para a diferença entre as latências aferidas no Bloco Consistente e $p=0,706$ para a diferença entre as latências do Bloco Inconsistente), nem entre as curvas ($p=0,164$ para as curvas do Bloco Consistente e $p=0,514$ para as do Bloco Inconsistente).

A Figura 3 apresenta o gráfico de dispersão dos acertos acumulados pelos participantes de cada estrato de cidades, nos diferentes blocos da tarefa. Cada gráfico apresenta dois pares de conjuntos de dados formados pelos acertos (eixo Y) e tempo decorrido (eixo X), em cada bloco de tarefa. Cada ponto representa uma quantidade média acertos acumulados pelos participantes do estrato em função de um ponto médio de tempo decorrido de tarefa no bloco. A quantidade de posições varia de acordo com a quantidade de acertos (Grupo A: 31 posições na curva do Bloco Consistente e 25 na Inconsistente, e Grupo B: 32 e 28 posições, respectivamente). Sequências com menos pontos e terminando mais baixas no eixo Y do gráfico representam menos acertos de determinado grupo, em determinado bloco. Sequências com mais pontos e que se encerram mais altas no eixo Y, denotam mais acertos acumulados. Sequências de pontos que se estendem horizontalmente mais no gráfico, ao longo do eixo X, representam maior tempo decorrido para conclusão do bloco e sequências de pontos que se estendem menos, denotam bloco encerrado mais rapidamente. Os gráficos de dispersão repetem o desempenho dos grupos já descrito: o Grupo A alcançou mais acertos em menos tempo no Bloco Consistente (31 acertos, até o ponto médio de 62,5 segundos) e menos acertos com mais tempo de tarefa no Bloco Inconsistente (25 acertos, até o ponto médio de 65,1 segundos). O Grupo B acumulou mais acertos no Bloco Consistente e consumiu mais tempo nessa fase da tarefa (32 acertos até o ponto médio

64,5 segundos), enquanto realizou o Bloco Inconsistente da tarefa em menos tempo, porém acumulou menos acertos (28 acertos, até 63,5 segundos).

Figura 3

Acertos dos Participantes de Cada Grupo, ao Longo do Tempo



Foi avaliada a correlação entre o resultado médio individual dos participantes no questionário de atitudes explícitas (QEA) e seus acertos acumulados nas diferentes condições (acertos no Bloco Consistente [A-C] e acertos no Bloco Inconsistente [A-I]), as curvas de aprendizagem (curva de aprendizagem das relações consistentes [CA-C] e curva de aprendizagem das relações inconsistentes [CA-I]) e o valor da diferença entre as curvas (DIF). As Tabelas 12, 13 e 14 apresentam, respectivamente, os coeficientes de correlação de Pearson e os níveis de significância encontrados considerando todos os participantes, os participantes do Grupo A e os do Grupo B.

Para o cálculo dos coeficientes de correlação, as afirmações de viés favorável do Questionário de Expressão de Xenofobia tiveram seus escores revertidos, sendo que a opção de 6 pontos foi revertida para 1, de 5 pontos para 2, de 4 pontos para 3, de forma a igualarem-se às pontuações que marcam a escala das afirmações de viés desfavorável, e compor um valor final único em que quanto mais alta a pontuação alcançada, mais elevado o grau de viés representativo de xenofobia. Conforme apresenta a Tabela 12, a medida de atitudes explícitas (QEA) teve uma correlação positiva fraca com a medida de diferença entre as curvas de aprendizagem (DIF) dos participantes ($r=0,272$ e $p=0,006$), e correlação negativa fraca com a quantidade de acertos acumulados pelos participantes no Bloco Inconsistente (A-I) e curva de aprendizagem do mesmo bloco (CA-I) ($r=-0,354$ e $p<0,001$, e $r=-0,286$ e $p=0,004$, respectivamente). A correlação por estrato (Tabelas 13 e 14) repetiu os resultados encontrados para o conjunto do total de participantes apenas no Grupo B ($n=77$). Foi demonstrada correlação positiva fraca entre a medida de atitudes explícitas (QEA) e a diferença entre as curvas de aprendizagem (DIF) ($r=0,275$ e $p=0,015$), e correlação negativa fraca entre a medida de atitudes explícitas (QEA) e a quantidade de acertos acumulados no Bloco Inconsistente (A-I) e curva de aprendizagem do mesmo bloco (CA-I) ($r=-0,428$ e $p<0,001$, e $r=-0,438$ e $p<0,001$, respectivamente). Para o Grupo A não foi encontrada correlação estatisticamente significativa entre a medida de atitudes explícitas e nenhuma das outras medidas de atitudes implícitas.

Em geral, a medida de atitudes explícitas não guarda, portanto, correlação minimamente moderada com a medida de atitude implícita principal do FAST, que mede o viés favorável ou desfavorável às relações entre estímulos que referem imigrantes e refugiados. É importante destacar, entretanto, as correlações negativas fracas encontradas entre o resultado do questionário e as medidas extraídas do desempenho no Bloco Inconsistente.

Tabela 12*Correlação entre Medidas de Atitudes Implícitas e Explícitas dos 102 Participantes*

		A-C	A-I	CA-C	CA-I	DIF
QEA	r	-0,012	-0,354**	0,072	-0,286**	0,272**
	p	0,904	0,000	0,473	0,004	0,006

Nota: A-C: acertos no Bloco Consistente, A-I: acertos no Bloco Inconsistente, CA-C: curva de aprendizagem no Bloco Consistente, CA-I: curva de aprendizagem no Bloco Inconsistente; DIF: diferença entre as curvas, QEA: medida de atitudes explícitas.

** Correlação significativa tendo como grau de significância 0,01

* Correlação significativa tendo como grau de significância 0,05

Tabela 13*Correlação entre Medidas de Atitudes Implícitas e Explícitas para os 25**Participantes do Grupo A*

		A-C	A-I	CA-C	CA-I	DIF
QEA	r	0,326	-0,1	0,382	0,037	0,292
	p	0,112	0,636	0,06	0,859	0,157

Tabela 14*Correlação entre Medidas de Atitudes Implícitas e Explícitas para os 77**Participantes do Grupo B*

		A-C	A-I	CA-C	CA-I	DIF
QEA	r	-0,141	-0,428**	-0,046	-0,438**	0,275*
	p	0,221	0	0,688	0	0,015

** Correlação significativa tendo como grau de significância 0,01

* Correlação significativa tendo como grau de significância 0,05

Ao final do experimento, os participantes eram direcionados a responder o Questionário de Avaliação do Procedimento. Tal qual o Questionário de Expressão de Xenofobia, o Questionário de Avaliação do Procedimento trouxe afirmações em escala reversa, afim de se certificar a atenção do participante ao longo da sequência de afirmações, que também tiveram seus escores revertidos de 6 pontos para 1, de 5 pontos para 2, e de 4 pontos para 3, de forma a igualarem-se as escalas e permitir um valor médio final único. Para as afirmações de teor favorável ao experimento, médias abaixo do limiar de 3 pontos representam uma avaliação positiva do procedimento e acima disso negativa. Para as afirmações de teor desfavorável ao experimento, médias acima do limiar de 3 pontos são positivas e abaixo desse valor negativas. A média final computa os valores revertidos e os resultados são apresentados na tabela na Tabela 15.

Tabela 15

Valores Médios das Respostas no Questionário de Avaliação do Procedimento

Afirmação	Total (n=102)	
	M	SD
O questionário foi complicado.	2,92	1,66
O questionário não tem relação com a realidade.	2,10	1,55
O tempo do experimento foi longo.	2,21	1,60
Total para afirmações desfavoráveis ao procedimento	2,41	1,64
Gostei de ter participado.	5,30	1,20
Eu entendi a tarefa.	4,74	1,52
Eu conhecia todas as palavras exibidas na tarefa.	5,72	0,80
Total afirmações favoráveis ao procedimento	5,26	1,27
Média geral, com reversão dos escores das afirmações favoráveis	2,16	0,93

Na média geral do questionário, as respostas dos participantes chegaram a 2,16 pontos, o que situa o resultado na faixa de avaliação positiva. Os participantes registraram, em média, prevalência da escolha das opções “Discordo”, para as afirmações com teor desfavorável a algum aspecto do experimento, e da opção “Concordo Totalmente”, para as afirmações de teor favorável sobre sua participação (médias de 2,41 e 5,26, respectivamente). Entre as afirmações de teor favorável, “Eu conhecia todas as palavras exibidas na tarefa.” alcançou a maior média ($M=5,72$), situando o valor final na opção “Concordo Totalmente”. Essa notação é importante, uma vez que era essencial que o participante conhecesse todos os estímulos envolvidos na tarefa, para que seu desempenho não fosse comprometido.

Discussão

O presente estudo dedicou-se a aferir e comparar medidas de atitudes explícitas e implícitas de indivíduos brasileiros, que possam ou não denotar comportamentos com viés xenofóbico, relativamente a refugiados venezuelanos. Para tanto, foram utilizados o Questionário de Expressão de Xenofobia (van der Veer et al., 2011), inventário desenvolvido para medir pelo autorrelato o viés xenofóbico de pessoas nacionais frente a imigrantes, e um teste de associações implícitas chamado FAST (O'Reilly et al., 2012) que, no caso da presente pesquisa, mediu a fluência dos indivíduos na emissão de respostas de associação entre estímulos que remetem a brasileiros, venezuelanos e palavras de valência positiva e negativa. Os resultados encontrados apontaram para atitudes explícitas não marcadas por viés xenofóbico, e desempenho nos treinos de FAST possivelmente representativo desse viés. No questionário, os participantes registraram escores de viés favoráveis à imigrantes e, durante a tarefa de medida de atitudes implícitas, os participantes demonstraram consistentemente uma aprendizagem mais rápida das associações esperadas na condição Consistente, e mais lenta na Inconsistente. Ainda, não foi percebido coeficiente de correlação entre o resultado apurado no Questionário e a diferença entre as curvas de aprendizagens dos participantes no FAST,

entretanto, uma correlação negativa baixa foi encontrada entre o resultado do Questionário e os desempenhos registrados no Bloco Inconsistente da tarefa do FAST.

No resultado aferido pelas respostas registradas no inventário, percebeu-se a tendência à discordância das afirmações de teor desfavorável a imigrantes e à forte concordância com as afirmações de teor favorável. Médias superiores a 3 pontos no inventário representariam viés xenofóbico manifestado por autorrelato dos participantes, o que se entendem por atitudes explícitas. Os resultados do inventário não alcançaram essa média e apontaram para atitudes explícitas não marcadas por viés xenofóbico. Resultados da aplicação do mesmo inventário de van der Veer et al. (2011), validado para a população da Turquia (Arifoglu & Kocak, 2022,), mostraram resultados diferentes para uma amostra de 379 médicos: apenas 3 afirmações tiveram médias abaixo de 4 pontos e nenhuma afirmação teve pontuação média abaixo de 3 pontos, o que os autores interpretaram como evidência da xenofobia no serviço de saúde (Basaran & Sayligil, 2022). Já Moran et al. (2021), investigaram se há relação entre o conhecimento sobre a pandemia de COVID-19 e xenofobia, e Kucuksen e Arat (2022), pesquisaram a relação entre níveis xenofobia e de responsabilidade social dos participantes. Ambos os estudos encontram resultados médios mais próximos dos 3 pontos. Moran et al. (2021) aplicando a escala em 385 pessoas dos Estados Unidos, chegou às médias 2,79, 2,99 e 3,02, para três grupos: participantes informados sobre o surto de coronavírus juntamente a imagens do serviço de saúde e orientados a descreverem como se sentiam, participantes informados sobre como pessoas podem facilmente se envenenar juntamente com imagens sobre o tema e igualmente orientados a descreverem como se sentiam, e participantes sem informação prévia que apenas descreviam como se sentiam. Kucuksen e Arat (2022), expondo à mesma escala 354 estudantes de cursos da área de ciências da saúde, também da Turquia, chegou a um resultado médio de 3,59, o que considerou abaixo das expectativas,

dado os resultados de pesquisas anteriores com pessoas da área da saúde e cenário de “xenofobia médica” que relata.

Na presente pesquisa, ao se analisarem os dados estratificados por grupos de cidades que acolheram mais refugiados (Grupo A) e demais cidades (Grupo B), entretanto, algumas diferenças sobressaíram, apesar de também esses dados não terem ultrapassado a média de 3 pontos. Mesmo com diferenças estatisticamente não significantes, os valores registrados pelos participantes do Grupo A mostraram médias mais próximas do limiar de 3 pontos que os participantes do Grupo B para 10 das 14 afirmações, além de uma maior variabilidade das respostas, perceptível pelos desvios padrão sempre superiores nos valores médios do grupo. Mesmo nas afirmações de teor favorável, os valores médios de resposta dos participantes do Grupo A mostraram uma tendência de menor concordância com o acolhimento dessas pessoas. De Master e Le Roy (2000) investigaram se os níveis de xenofobia dos países da União Europeia (UE), ponderados pelo tamanho da população de cada um, seriam preditores do apoio de sua população à integração de seu país no bloco econômico, relacionando a aversão a estrangeiros com a contrariedade à integração. Os autores encontraram correlações negativas altas entre os níveis de xenofobia medidos de 12.800 indivíduos da França, Reino Unido, Luxemburgo, Alemanha, Holanda, Portugal, Bélgica, Espanha, Itália, Irlanda, Dinamarca e Grécia e o grau de apoio dessas pessoas à adesão de seu país à EU. De Master e Le Roy (2000) mostraram que quanto mais altos os níveis de xenofobia encontrados, menores os percentuais de indivíduos que apoiavam a integração dos países. Ainda, segundo o autor, os 5 primeiros países citados mostraram correlação acima da média de todos os países juntos, sendo que eram, na época da pesquisa, os países que apresentavam maior proporção de imigrantes e refugiados em relação à população total do país. A avaliação isolada dos níveis de xenofobia, porém, não mostrou correlação com a proporção de imigrantes e refugiados de cada país.

Importante ressaltar que escalas de autorrelato como a Likert possuem certas fragilidades que devem ser consideradas ao se inferirem os resultados, especialmente quando tratam de tópicos socialmente delicados, como o preconceito frente a refugiados. Segundo Rinker (2014), vários autores descreveram diferentes vieses que podem afetar o autorrelato por escalas, como o viés de tendência central (James et al., 1984, citado por Rinker, 2014), entendido como a tendência de o respondente escolher a opção de resposta neutra para itens aos quais não tem uma posição segura; o viés de aquiescência (Lichtenstein & Bryan, 1965, citado por Rinker, 2014), em que o participante tende a assentir positivamente com todos os itens; o viés cultural (Flaskerud, 2012, citado por Rinker, 2014; Semon, 2000, citado por Rinker, 2014), observado quando aspectos culturais determinam as respostas a um item ou até afetam o viés de aquiescência; e o viés de desejabilidade social (Chung & Monroe, 2003, citado por Rinker, 2014), marcado pela tendência a se negarem comportamentos socialmente indesejáveis e responder aos itens de forma a parecer mais altruísta e sociável. Esse tipo de instrumento foi desenvolvido por Rensis Likert em 1932, justamente para medir atitudes, o que o autor considerava como “uma disposição para a ação” (Likert, 1932; Pasquali, 1996). O próprio autor propositor da escala, alertou que o uso de seu instrumento deve ser cuidadoso e a interpretação dos resultados parcimoniosa. Respeitadas essas observações, a leitura atenciosa dos resultados do Questionário de Expressão de Xenofobia permite algumas acepções interessantes.

Para começar, as afirmações “A imigração no Brasil está fora de controle.” e “As fronteiras deviam ter a segurança reforçada para evitar a entrada de imigrantes no Brasil.” foram as que mostraram mais diferença entre os resultados médios das respostas dos grupos A e B, sendo as únicas com mais de 1 ponto de diferença. É possível especular que esse resultado reflete as impressões diferentes de quem está inserido em um ambiente que tem recebido refugiados com recorrência e de quem habita locais que recebem menos ou nem

recebem refugiados. Lembrando Skinner (1971, p. 24), “as mudanças verificadas no ambiente do indivíduo têm efeitos rápidos e dramáticos”, assim, os resultados diferentes nos grupos podem ser explicados pelas diferenças ambientais representadas pela presença de refugiados.

A mesma conclusão sobre o efeito e a relação com o ambiente pode ser possível de observar pelas duas afirmações que tiveram as médias mais baixas do Grupo A, entre as poucas inferiores também às do Grupo B: “Duvido que os imigrantes coloquem os interesses do Brasil em primeiro lugar.” e “Tudo bem se os imigrantes mantiverem seus hábitos e raízes culturais.”. Remetendo ao que teorizou Skinner (1981), sobre o 3º nível de seleção pelas consequências, hábitos e práticas culturais são preservados uma vez que são funcionais. Eles não se apagam senão pela variação e seleção, na medida de sua eficiência para a sobrevivência. Apenas a imposição de um “ator cultural” externo, que não se desenvolveu e evoluiu necessariamente para esse ambiente, não é causa necessária e suficiente. Neste ponto, é possível associar a possibilidade de os participantes inseridos em cidades que acolhem refugiados e que convivem com essas pessoas terem superado a dúvida sobre a ameaça à própria cultura por meio da experiência, percebendo seus hábitos tão preservados quanto antes, quando da ausência de refugiados em seu meio. Participantes de cidades que não tiveram essa experiência podem aderir ao senso comum da ameaça. Hjern e Nagayoshi (2011), por exemplo, hipotetizaram que a xenofobia mostraria graus mais elevados quanto maior também fosse a proporção de imigrantes (incluindo refugiados) falantes de língua não local, em relação ao total de pessoas de cada país da UE. Os autores propunham que a língua seria um marcador cultural e de estrangeirismo que atua como uma ameaça, muito fortemente ligado ao afastamento entre nacionais e estrangeiros e facilitador para emergência da xenofobia. Os autores não encontraram dados confirmatórios para sua hipótese, o que pode corroborar a afirmação anterior, sobre a associação entre a exposição ao refugiado ser um meio de indivíduos “superarem” a noção de ameaça. Na mesma pesquisa, os autores

encontraram uma correlação entre xenofobia e a disputa por recursos, mostrando que a xenofobia aferida se mostrava mais forte nos países e regiões em que nacionais consideravam que disputariam recursos com imigrantes, situação totalmente desconectada daquelas condicionadas por aspectos culturais.

Duas outras afirmações merecem ser destacadas: “Duvido que os imigrantes coloquem os interesses do Brasil em primeiro lugar.” e “Receio que, em caso de guerra ou tensão política, imigrantes sejam leais ao seu país de origem.”, que tiveram os resultados médios mais altos, tendo a primeira delas ultrapassado o limiar dos 3 pontos no Grupo A, revelando a única manifestação positiva de xenofobia no autorrelato. Pode-se levantar a hipótese de que o resultado particular dessas duas afirmações seja explicado pelo aquecimento do conflito entre Rússia e Ucrânia e o aumento na divulgação do fato, que ocorreu durante a coleta. Em apurações parciais no início da coleta, quando a tensão entre os países ainda não culminara em conflito bélico, ambas as afirmações apresentavam médias baixas, próximas das demais afirmações.

Importante destacar que a afirmação “O questionário foi complicado” teve a maior pontuação média ($M=2,92$), o que pode representar que, apesar de propor-se como um questionário de aplicação transnacional, o Questionário de Expressão de Xenofobia pode ter apresentado informações não tão claras, fiéis ou aplicáveis ao contexto brasileiro. Esse resultado, porém, não é coerente com a média registrada para a afirmação “O questionário não tem relação com a realidade.”, que apresentou a pontuação média mais baixa entre as afirmações de teor desfavorável, mostrando que os participantes discordaram mais dessa afirmação e não consideraram o questionário inadequado.

A tarefa de FAST, por sua vez, mostrou resultado diferente das médias extraídas pelo inventário. Em geral, e consistentemente, os participantes do experimento mostraram mais fluência do responder (acumularam mais acertos em menos tempo) às associações entre

estímulos tidas como consistentes que às tidas como inconsistentes. Também mostraram tempo de reação médio superior na aprendizagem das relações tidas como inconsistentes (mais lentidão nas respostas à essas associações). Esse resultado representa desempenhos nos treinos possivelmente enviesados, e repete aqueles demonstrados pelos autores propositores do FAST, na aplicação do instrumento para verificação da pervasividade dos estereótipos de gênero (O'Reilly et al., 2012; Cartwright et al., 2016). Entre os resultados encontrados, apoia também a sugestão sobre desempenho marcado por viés, a quantidade total de acertos alcançados na tarefa, que foi superior nas tentativas com relações entre estímulos tidas como consistentes que nas inconsistentes, e acumulada em menos tempo no Grupo A. Ou seja, o grupo consumiu mais tempo de tarefa para alcançar menos acertos até o final, nas respostas às relações tidas como inconsistentes. Os desempenhos dos dois grupos no Bloco Consistente foram similares, mostrando diferença sem significância estatística entre as curvas dos dois grupos nesse bloco e reforçando as evidências de existência de um viés favorável às relações consistentes e até relativa estabilidade dessas relações. Já as curvas do desempenho dos grupos no Bloco Inconsistente mostraram diferença com significância estatística, que permite afirmar que os desempenhos dos grupos nesse bloco da tarefa são representativos de um viés desfavorável à essas relações e, ainda, que esse viés apareceu com mais força ou prevalência no desempenho dos participantes do Grupo A, formado pelas cidades que mais têm recebido pessoas refugiadas.

O nível de acurácia atingido na tarefa por ambos os grupos também foi superior nas tentativas com relações consistentes. Pela análise visual dos resultados plotados em gráficos (Figura 2), a acurácia foi a medida que variou mais na comparação entre os blocos e entre o desempenho dos dois grupos. Calculada pela relação entre acertos acumulados e tentativas decorridas, a medida oscila no início dos blocos da tarefa, em um intervalo pequeno de tentativas, até estabilizar-se em 50% de acurácia, quando passa a evoluir com menos

oscilação e mais lentamente, de forma mais equilibrada. No Bloco Inconsistente, entretanto, as curvas de acurácia de ambos os grupos descreveram uma ascendência mais lenta até a estabilização. No Bloco Consistente, o Grupo A alcançou 50% de acurácia a partir da 12ª tentativa e o Grupo B a partir da 8ª, em média. No Bloco Inconsistente, o Grupo A atingiu 50% de acurácia apenas a partir da 43ª tentativa, enquanto o Grupo B alcançou o mesmo nível na 18ª tentativa. Essa quantidade maior de erros no responder de acordo com as relações inconsistente pode ser entendida como o efeito forte de viés, provavelmente decorrente de associações pré-experimentais para os estímulos e relações da condição em vigor. As diferenças de desempenhos entre os blocos foram estatisticamente significantes em ambos os grupos, porém, o Grupo A mostrou tamanho do efeito FAST bastante superior na comparação entre as curvas de acurácia, assim como nas curvas de aprendizagem.

A contingências presentes nos ambientes que há maior número de refugiados podem, novamente, explicar tanto a diferença como o tamanho do efeito. Os participantes inseridos em um ambiente com maior presença de refugiados e seu acolhimento, por conseguinte, manifestam viés desfavorável menos latente ou “menos encoberto”. Conforme Fazio (1990), diferentes estudos (Fazio et al., 1982, citado por Fazio, 1990; Fazio et al., 1984, citado por Fazio, 1990) já mostraram que indivíduos com história prévia em condições que os demandaram a “formação de atitudes” com determinados estímulos, tendem a responder mais rapidamente às tarefas envolvendo atitudes frente a esses estímulos (latências mais baixas), que indivíduos sem essa história, que não foram expostos a uma condição em que formariam as atitudes.

Segundo Greenwald e Banaji (1995), os comportamentos sociais com frequência são desempenhados sob controle de relações ou associações entre objetos sociais e atributos dos quais nem sempre os indivíduos têm ciência. Para os autores, isso pode ser descrito como atitudes, disposições favoráveis ou desfavoráveis a objetos sociais que podem explicar porque

o comportamento social nem sempre é ponderado na sua emissão e julgamentos explicitados têm baixa predição do comportamento. Fazio e Olson (2003) e Bohner e Dickel (2011), em suas revisões sobre medidas implícitas, corroboram Greenwald e Banaji (1995) afirmando que a possibilidade de elaborar o responder tende a reduzir a relação entre comportamento medido por autorrelato e medidas de atitudes implícitas. No presente estudo, as medidas de atitudes, tanto explícitas como implícitas, sem julgamento de suas magnitudes, apresentaram valores médios para atitudes explícitas não representativos de viés ou não marcados por viés, e das medidas de atitudes implícitas com evidências na direção contrária. Ademais, o teste comparando as duas medidas não mostrou coeficientes de correlação moderados. Estudos abordando tópicos sociais delicados com recorrência apontam para resultados de atitudes explícitas, colhidos por instrumentos de autorrelato, que não parecem refletir o ambiente sociocultural em que são obtidos e não se correlacionam com as medidas implícitas obtidas para o mesmo tema (e.g., Anderson, 2018; Barnes-Holmes et al., 2010; Dasgupta et al., 2000; Hong et al., 2021)

Foi possível observar correlações fracas entre o resultado do Questionário de Expressão de Xenofobia e os produzidos pela tarefa de FAST. Porém é essencial o exame cuidadoso das correlações entre as medidas isoladamente. É interessante observar, por exemplo, que as correlações negativas encontradas entre a medida de atitudes explícitas e as medidas extraídas do desempenho dos participantes no Bloco Inconsistente, embora fracas, representam que, quanto maior a quantidade de acertos acumulados pelo participante ou mais rápida sua curva de aprendizagem nesse bloco, menor o valor médio encontrado para suas respostas no Questionário de Expressão de Xenofobia. Considerando as opções disponíveis para resposta ao questionário e o valor de cada uma (1 – Discordo totalmente, 2 – Discordo parcialmente, 3- Discordo pouco, 4 – Concordo pouco, 5 – Concordo parcialmente, 6 – Concordo totalmente), é possível serem associados o melhor desempenho no Bloco

Inconsistente com uma maior aproximação/concentração das respostas do participante na opção “Concordo Totalmente” para as perguntas de viés favorável a imigrantes, e na opção “Discordo Totalmente” para perguntas com viés desfavorável a imigrantes. Portanto, um viés menor, mais fraco, ou menos desfavorável às relações tidas como inconsistentes na tarefa (palavras relacionadas a venezuelanos com palavras de valência positiva, e palavras relacionadas a brasileiros com as de valência negativa) pode ter alguma correlação com um viés mais baixo também obtido por autorrelato. A correlação positiva fraca entre a medida de atitudes explícitas e a diferença entre as curvas de aprendizagem dos blocos Consistente e Inconsistente reforça esse argumento. Quanto maior a diferença entre os desempenhos do participante nos dois blocos (entre as duas curvas), mais marcado viés. Assim, uma maior diferença entre as curvas, decorrente de desempenhos superiores no Bloco Consistente em relação ao Inconsistente, correlaciona-se com médias mais altas no Questionário de Expressão de Xenofobia, ou seja, maior concordância com as afirmações de teor desfavorável a imigrantes e discordâncias com as de teor favorável.

A ausência de quaisquer correlações moderadas significantes entre os resultados da medida de atitudes explícitas e das de atitudes implícitas do Grupo A é representativo, principalmente, da ausência de coesão entre o autorrelato e possíveis vieses xenofóbicos medidos pelo FAST. Isso pode ser um preditor, por exemplo, das diferenças percebidas entre “discurso e prática”, na relação entre nacionais e estrangeiros e no acolhimento a refugiados. Também corroboram as colocações de alguns autores que abrem esta seção de discussão (Lichtenstein e Bryan, 1965, citado por Rinker, 2014; Flaskerud, 2012, citado por Rinker, 2014; Semon, 2000, citado por Rinker, 2014; e Chung e Monroe, 2003, citado por Rinker, 2014), mostrando que instrumentos de autorrelato estão sujeitos a vieses que podem controlar a resposta dos indivíduos, de forma a não refletir com fidedignidade comportamentos que poderão vir a ser desempenhados. Ainda, conforme Greenwald e Lai (2020) e Greenwald e

Banaji (1995), com recorrência o comportamento opera sob controle de relações restritas a uma dimensão implícita, em decorrência de julgamentos sociais orientados por atitudes e estereótipos dos quais o indivíduo pode não ter consciência.

Até a conclusão desta pesquisa, a consulta à literatura da Análise do Comportamento apresentava a utilização do FAST em estudos envolvendo atitudes e questões sensíveis como estereótipos relacionados a gênero (e.g., Cartwright et al., 2016; Marcelino, 2019), preconceito racial (e.g., Illieva, 2019; Rodrigues et al., 2022), questões relacionadas ao aborto (e.g., Lator, 2019), adesão ao uso de preservativos (e.g. Cummins et al., 2018a), estudos das relações entre estímulos e exploração de classes funcionais (e.g., Cummins & Roche, 2020; Cummins et al., 2018b), entre outros temas. Entretanto, nenhum estudo, até o momento, pareceu aplicar o FAST para explorar as relações entre atitudes implícitas e comportamentos com viés xenofóbico. Ao mesmo tempo que traz novas evidências que fortalecem a validade do FAST como instrumento de medida de atitudes implícitas e de acesso a relações pré-experimentais entre estímulos, o presente estudo inaugura as discussões sobre a xenofobia utilizando o instrumento, olhando especialmente para o contexto brasileiro.

De acordo com Ijanc Neto et al. (2022), embora poucos, alguns estudos anteriores da Análise do Comportamento investigaram comportamentos marcados por vieses xenofóbicos (Levy et al., 2019; Dixon et al., 2009; Dixon & Lemke, 2007; Dixon, Zlomke & Rehfeldt, 2006; Dixon, Rehfeldt, et al., 2006; Dixon et al., 2003; Watt et al., 1991). Desses estudos, cinco empíricos exploraram o estabelecimento e manutenção de relações entre estímulos em classes de equivalência que podem relacionar-se com o desempenho desses comportamentos. Porém, nenhum deles utilizou o FAST, versou sobre a possível correlação entre atitudes implícitas e explícitas, tampouco abordou o tema ambientando o cenário brasileiro. Quatro desses artigos empíricos (Dixon, Zlomke & Rehfeldt, 2006; Dixon, Rehfeldt, et al., 2006; Dixon & Lemke, 2007; Dixon, et al., 2009) voltaram a investigação para os comportamentos

xenofóbicos de cidadãos estadunidenses direcionados às pessoas de origem médio-oriental, potencializados após o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, enquanto um (Watt et al., 1991) explorou a xenofobia entre norte irlandeses, baseada na categorização social que separa católicos e protestantes, característica do país.

Watt et. al. (1991) apoiou sua pesquisa no paradigma de equivalência de estímulos, modelo que propõe que o responder operante pode basear-se na relação entre estímulos, que se tornam equivalentes e substituíveis entre si, em determinados contextos (de Rose & Bortoloti, 2007; Sidman, 1994). Dixon, Zlomke e Rehfeldt (2006), Dixon, Rehfeldt et al. (2006), Dixon e Lemke, (2007) e Dixon et. al. (2009) basearam suas investigações no referencial teórico da *Relational Frame Theory* (RFT) (Hayes et al., 2001), teoria que propõe que estímulos podem adquirir diferentes funções, relacionando-se arbitrariamente entre si de acordo com um contexto, e controlando a emissão de respostas relacionais arbitrariamente aplicáveis. Tanto o estudo de Watt et. al. (1991) como os estudos de Dixon, Zlomke e Rehfeldt (2006), Dixon, Rehfeldt et al. (2006), Dixon e Lemke, (2007) e Dixon et. al. (2009) investigaram a emergência da relação entre estímulos e o responder relacional, promovendo, por procedimentos de pareamento ao modelo (tarefa de *matching to sample* [MTS]) a formação de classes de estímulos, reorganização de classes e transformação de função de estímulos relacionados por equivalência, coordenação ou oposição. Entre os principais resultados, Watt et. al. (1991) mostrou a influência das relações pré-experimentais na formação de novas classes de equivalência e reorganização de classes, trazendo resultados que evidenciaram a emergência de novas relações e reorganização de classes de equivalência entre todos participantes sem história com os estímulos utilizados e apenas alguns com essa história, introduzindo assim as discussões sobre o paradigma das relações conflitantes. Dixon, Zlomke e Rehfeldt (2006), Dixon, Rehfeldt et al. (2006), Dixon e Lemke, (2007) e Dixon et. al. (2009) demonstraram que arranjos experimentais mais sofisticados podem contribuir para

a reorganização de classes de estímulos e dismantelamento de relações pré-experimentais, servindo à redução ou eliminação de preconceitos.

É possível observar pelos estudos que a xenofobia tem como característica fundamental a aversão a membros de outros grupos, e também pode ter sua emergência facilitada ou seu nível agravado em função de fatores adicionais como cenários políticos, ideológicos, de disponibilidade ou escassez de recursos entre outros. Nesse sentido, o presente estudo colabora com a produção científica voltada ao tema da xenofobia, e permite inferências sobre as impressões dos brasileiros frente aos refugiados venezuelanos, que podem ser aprofundadas buscando se mapearem os fatores adicionais na forma de outras variáveis que podem influenciar atitudes, afetar comportamentos, e serem determinantes para o acolhimento dessas pessoas.

O estudo das medidas extraídas por meio da aplicação de FAST e do Questionário de Expressão de Xenofobia e as correlações entre atitudes implícitas e explícitas deste trabalho oferecem dados úteis às predições sobre os cenários de rejeição ou acolhimento possíveis, que podem subsidiar diretrizes e direcionamentos para elaboração de políticas públicas voltadas para a questão. Levy et al. (2019) mostra como os princípios da Análise do Comportamento podem ser empregados para analisar dilemas sociais e, a partir da compreensão das relações de controle de estímulos mantenedoras das condições e comportamentos que perpetuam o dilema, propor intervenções voltadas para sua solução. Em seu trabalho, a autora e colaboradores propõem que os dilemas sociais podem ser analisados a partir de um modelo que, em uma primeira fase, envolva a definição clara do dilema e dos comportamentos alvo que o perenizam, a coleta de dados objetivos e isentos de vieses, e a identificação das variáveis que, em diferentes níveis, contribuem com a manutenção do dilema. O problema explorado pelo presente estudo e as medidas explícitas e implícitas coletadas podem compor esta fase. Posteriormente, a partir dos dados recolhidos, Levy et al.

(2019) orienta a avaliação do dilema social com base na RFT, considerando os vieses individuais, institucionais e midiáticos envolvidos, conforme (Hayes et al., 2001). Em continuação, orienta também a análise funcional com base nas macrocontingências e metacontingências estabelecidas, conforme Glenn (2004), e a realização de análise não linear, proposta por Goldiamond (1974). A conclusão deve prever as consequências da inação, evidenciando as possibilidades de mudança que permitam a solução do dilema, e os profissionais de diferentes áreas que precisam ser envolvidos buscando a promoção de mudanças em nível social.

O exame dos resultados do Questionário de Expressão de Xenofobia, comparado com os valores mais altos de viés denotados pelo FAST, pode ser parte das análises propostas no modelo de Levy et al. (2019) e, apoiando a conclusão na fase seguinte, apontar para as abordagens fundamentais e urgentes de serem feitas, a fim de se evitar a emergência da xenofobia em uma ou outra região. É possível notar, por exemplo, que os resultados da presente pesquisa indicam que os participantes não percebem a chegada de imigrantes como uma ameaça à sua cultura e que, portanto, a atenção para este tópico pode ser preterida em favor de mais empenho no confronto à desinformação a respeito das fronteiras e entrada de imigrantes, ou sobre imigrantes não serem confiáveis nas situações de conflito, já que, inclusive, países tendem a acolher mais refugiados de países rivais (Jackson & Atkinson, 2019). Outros estudos (e.g., Bozdağ, 2020; Padır, 2019) apontam que o contato social de qualidade entre nacionais e imigrantes tende a atuar positivamente na redução da xenofobia. As respostas do Questionário de Expressão de Xenofobia para as afirmações “Imigrantes roubam os empregos de pessoas que já vivem no Brasil.” e “Eu me preocupo que os imigrantes possam espalhar doenças incomuns” estiveram entre as poucas que alcançaram resultado médio no Grupo A inferior ao Grupo B. Esse resultado pode mostrar que o contato que os participantes das cidades do Grupo A têm com refugiados é suficiente para atenuar

pré-conceitos do senso comum, experiência que os participantes das cidades do Grupo B não têm oportunidade de vivenciar. Portanto, é essencial a promoção de ações que estimulem esse tipo de contato, a interação e troca entre nacionais e refugiados, principalmente nas regiões que mais recebem essas pessoas, como forma de estimular que vieses xenofóbicos sejam abrandados ou eliminados. Essas medidas atendem o modelo proposto Levy et al. (2019), no que se refere à identificação das mudanças que podem ser promovidas pela solução do problema e, de outro ponto de vista, as consequências possíveis em decorrência da inação.

Anderson (2018), investigando as variáveis que poderiam ser preditoras de atitudes negativas de cidadãos australianos frente a solicitantes de asilo no país, pesquisou a correlação entre medidas demográficas e de ideologia (orientação à teoria da dominância social, ao autoritarismo de direita, e senso de justiça social) e um resultado de teste de associação implícita Go/No-Go. Os resultados encontrados mostraram que não é possível a determinação de um perfil “padrão” de indivíduo, considerando as variáveis analisadas, que tenderia às atitudes negativas frente aos solicitantes de asilo, tampouco afirmar que a adoção de um ou outro valor esteja necessariamente associada a essas atitudes. Pelo contrário, os resultados mostraram que diferentes fatores e, ainda, diferentes valores para esses fatores devem ser considerados, em uma abordagem ampla e que preveja ainda outras variáveis. Conforme já apresentado, o modelo de análise de Levy et al. (2019) sugere, entre outros passos, a coleta de dados comportamentais de forma isenta, e a avaliação do problema considerando o impacto dos contextos social, político e midiático em que se desenvolve, além das práticas culturais que o permeiam. O presente estudo tem potencial para ser ampliado para abarcar mais medidas, tal qual Anderson (2018), e subsidiar uma análise baseada no modelo de Levy et al. (2019) com dados de ainda outras medidas.

Os resultados do presente estudo merecem atenção, no que se referem às diferenças entre o tamanho das amostras de participantes de cada estrato e ao inventário de xenofobia

utilizado. Quanto às amostras, a quantidade reduzida de participantes do Grupo A ($n=25$), cerca de um terço do tamanho da amostra do Grupo B ou um quarto do total de participantes, pode produzir resultados com comprometido poder de predição. Além disso, o número reduzido de participantes exigiu a realização de testes estatísticos não paramétricos e comparação de seus resultados com testes paramétricos. Os níveis de significância e tamanho do efeito encontrados validam os resultados e permitem concluir que essa característica da amostra não feriu a análise. Entretanto, a parcimônia nas conclusões para pesquisas utilizando tamanho amostral limitado é indicada. Por sua vez o questionário, apesar ter validade transnacional, conforme afirmam seus autores, não foi desenvolvido e validado para o contexto brasileiro e pode estar sujeito ao efeito de particularidades culturais. Os participantes, entretanto, não registraram críticas nesse sentido, e sinalizaram por meio do Questionário de Avaliação do Procedimento que o questionário foi difícil mas tem conexão com a realidade.

Pode representar uma limitação do estudo a ausência da palavra “refugiado” no questionário e entre os estímulos do FAST. No questionário, a ausência da palavra se deve à tradução *ipsis litteris* de sua versão original. No FAST, a palavra “refugiado” foi preterida em favor da inclusão de outras palavras mais associadas a estrangeiros, conforme a literatura (Holanda, 1936; Delfim, 2017; Souza J. , 2018; Mota, 2019), e no intuito de evitar a associação entre “refugiado” e carência ou sentimento de pena, que possivelmente afetaria os desempenhos. Ressalve-se, contudo, que todos os participantes eram cientificados de tratar-se de uma pesquisa relacionada a refugiados, textualmente no convite para participação, na leitura do TCLE e, novamente, no encerramento do experimento.

Embora os participantes tenham discordado que o experimento tenha sido longo, registrou-se uma perda razoável de participantes que abandonaram o experimento ainda durante o Pré-Treino ou concluíram-no com 320 tentativas, mas não atingiram o critério de

acertos para terem seus dados compondo o resultado da pesquisa. Para reproduções futuras do método dessa pesquisa, pode ser interessante dividir o Pré-Treino em 2 fases de até 160 tentativas, com conjuntos de estímulos diferentes. Essa alteração pequena poderia tornar a tarefa mais dinâmica, permitiria a exibição das instruções duas vezes, e reduziria a possibilidade de apresentação aos participantes de estímulos familiares não relacionados, que de alguma forma pudessem ter relações para o participante.

Na construção do instrumento de FAST utilizado nesta pesquisa, avaliou-se a possibilidade de inclusão de um contador de acertos ou de tentativas, a fim de manter o participante informado sobre o andamento da tarefa, a proximidade do término e evitar o abandono. A inclusão de um contador na tela, porém, poderia atuar como um estímulo distrator e concorrer pela atenção do participante com a tarefa. Informar a quantidade de tentativas previamente poderia comprometer o desempenho do participante, se particularmente empenhado em contar as tentativas decorridas. Uma solução possível pode ser informar ao participante sobre a quantidade de tentativas de cada bloco na instrução, e mostrar o contador apenas nas exibições do feedback, com o número de tentativas decorridas juntamente às palavras “CORRETO” ou “INCORRETO”. Dessa forma, o participante não precisaria estar exposto a um novo estímulo que o distraísse, nem se preocuparia em contar as tentativas para o fim do bloco. Alguns participantes que não alcançaram o critério, relataram que não entenderam o que deveriam fazer ou que a tarefa era um jogo da memória. Talvez as instruções possam ser melhoradas, com redação mais sucinta e inclusão de informações como tratar-se de um teste de associação ente palavras.

Novos estudos baseados na presente pesquisa podem evoluir a discussão incluindo outras escalas como a de Orientação à Dominância Social (Pratto et al., 1994), que mede a propensão individual à crença na existência de hierarquias entre grupos sociais, a Escala de Contato Social (Islam & Hewstone, 1993), que avalia o resultado do contato intergrupos a

partir da frequência e qualidade deste contato, e a Escala de Orientação Cultural (Triandis & Gelfand, 1998), que avalia aspectos relacionados à postura individualista ou coletivista de um grupo. Apesar de trazer uma evidência do viés xenofóbico no comportamento brasileiro, a pesquisa não explorou variáveis que podem dar causa ao viés ou que podem ser importantes para a ausência do viés. A inclusão de medidas de novas escalas pode ser um caminho nessa direção, permitindo explorar correlações entre os resultados obtidos pelo FAST e outras medidas explícitas relacionadas a fatores políticos, ideológicos, religiosos etc.

A pesquisa também abre a possibilidade de investigação de outros preconceitos e da xenofobia direcionadas a outros estratos e populações. Ainda, a metodologia utilizada e o instrumento de medida implícita deste trabalho podem ser úteis às investigações baseadas no Paradigma das Relações Conflitantes, que exploram a formação e reorganização de classes de equivalência baseadas em estímulos que se contradizem ou mantêm uma relação de oposição na história pré-experimental dos participantes (Mizael et al., 2016). Por exemplo, um estudo pode aplicar testes de FAST com estímulos em relação de oposição, para ratificar essa relação e ainda testar sua força.

Na condução de uma pesquisa, a escolha entre a coleta de dados presencial ou remota/*online* considera diferentes vantagens e desvantagens de cada método, de acordo com o propósito da pesquisa e procedimento utilizado. O controle experimental, porém, deve ser a preocupação comum nos dois métodos de coleta. No âmbito científico, o desenvolvimento desta pesquisa contribuiu também para a literatura que reúne experimentos conduzidos *online*, apresentando um procedimento 100% autoaplicável, desenvolvido com recursos de programação de alta portabilidade e, principalmente, com controle experimental e metodologia criteriosos. Como modelo de estudo mostrou-se, portanto, adequado à utilização em períodos de coleta presencial dificultada, como foi na sua condução durante a pandemia de COVID-19. No que se refere ao procedimento, novas pesquisas baseadas na

implementação deste estudo podem testar a divisão do pré-treino em duas fases e a inclusão de estímulos diferentes entre essas fases. Em relação ao tema, podem ampliar as conclusões incluindo novas escalas, novas correlações e explorar estratos sociais diferentes.

A presente pesquisa reuniu e apresentou dados consistentes que, infelizmente, parecem evidenciar a existência de xenofobia dos brasileiros em relação aos refugiados venezuelanos em uma tarefa de atitudes implícitas. Fazendo isso, também contribuiu para o corpo de pesquisas utilizando o instrumento de medida implícitas FAST, fortalecendo a validade e a viabilidade de sua utilização, ampliou os achados sobre atitudes implícitas e explícitas e trouxe às pesquisas analítico comportamentais o tema da xenofobia no contexto brasileiro. No âmbito do tema desta pesquisa, esses achados podem ter sido limitados pela ausência da palavra “refugiado” no FAST e no Questionário de Expressão de xenofobia, e pela não leitura adequada das instruções pelos participantes. Entretanto, nem por isso têm menor validade, importância, e permitem promover a discussão sobre um tema de relevância para a sociedade e difundir achados de interesse da comunidade científica.

Referências

- Ajzenman, N., Cavalcanti, T., & da Mata, D. (2 de 11 de 2020). *More than words: Leaders' speech and risky behavior during a pandemic*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3582908>
- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. (1984). Declaração de Cartagena. *Declaração de Cartagena*. Cartagena das Índias, Colômbia. Retrieved 10 de 11 de 2020, from https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BD_Legal/Instrumentos_Internacionais/Declaracao_de_Cartagena.pdf
- Anderson, J. R. (2018). Implicit and explicit attitudes towards asylum seekers in Australia: Demographic and ideological correlates. *Australian Psychologist, 53*(2), 181-191. <https://doi.org/10.1111/ap.12229>
- Andrade, J. H., & Marcolini, A. (2002). A política brasileira de proteção e de reassentamento de refugiados: breves comentários sobre suas principais características. *Revista Brasileira de Política Internacional, 45*(1), 168-176. <https://doi.org/10.1590/S0034-73292002000100008>
- Andrews, J. A., Hampson, S. E., Greenwald, A. G., Gordon, J., & Widdop, C. (2010). Using the Implicit Association Test to assess children's Implicit attitudes toward smoking. *Journal of Applied Social Psychology, 40*(9), 2387–2406. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.2010.00663.x>
- Arifoglu, A. T., & Kocak, O. (2022,). A quantitative research on the xenophobia examination in terms of psychological resilience: Case of Istanbul. *European Journal of Environment and Public Health, 6*(1), em0105. <https://doi.org/10.21601/ejeph/11803>
- Barnes-Holmes, D., Murphy, A., Barnes-Holmes, Y., & Stewart, I. (2010). The implicit relational assessment procedure: Exploring the impact of private versus public contexts and the response latency criterion on pro-white and anti-black stereotyping

among white Irish individuals. *The Psychological Record*, 60(1), 57-80.

<https://doi.org/10.1007/BF03395694>

Basaran, C. H., & Sayligil, O. (2022). Xenophobia and medicine (profession of a doctor):

Can the two coexist in the 21st century? *Acta Bioethica*, 28(1), 35-50.

<https://doi.org/10.4067/S1726-569X2022000100035>

Bezerra, E. (2005). Ribeiro Couto e o homem cordial. *Revista Brasileira*, 1(44), 123-130.

Retrieved 03 de 12 de 2022, from

<https://www.usp.br/bibliografia/modernismo/artigos.php?autor=14261>

Bohner, G., & Dickel, N. (2011). Attitudes and attitude change. *Annual Review of*

Psychology, 62, 391-417. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.121208.131609>

Bozdağ, F. (2020). Xenophobia and social contact in university students. *International*

Journal of Education & Literacy Studies, 8(4), 87-97.

<https://doi.org/10.7575/aiac.ijels.v.8n.4p.87>.

Cartwright, A., Roche, B., Gogarty, M., O'Reilly, A., & Stewart, I. (2016). Using a modified

Function Acquisition Speed Test (FAST) for assessing implicit gender stereotypes.

Psychol Rec, 66, 223-233. <https://doi.org/10.1007/s40732-016-0164-5>

Cravo, F. A., de Moraes, M. A., & Almeida-Verdu, A. C. (2022). The use of “Implicit

Relational Assessment Procedure” in gender research: systematic review.

Perspectivas em Análise do Comportamento, 13(1), 213-232.

<https://doi.org/10.18761/VEEM.011.nov21>

Cummins, J., & Roche, B. (2020). Measuring differential nodal distance using the function

acquisition speed test. *Behavioural Processes*, 178(1), 104179.

<https://doi.org/10.1016/j.beproc.2020.104179>

- Cummins, J., Roche, B., Tyndall, I., & Cartwright, A. (2018). The relationship between differential stimulus relatedness and implicit measure effect sizes. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior, 110*(1), 24-38. <https://doi.org/10.1002/jeab.437>
- Cummins, J., Tyndall, I., Curtis, A., & Roche, B. (2018). The Function Acquisition Speed Test (FAST) as a measure of verbal stimulus relations in the context of condom use. *The Psychological Record, 69*(1), 107-115. <https://doi.org/10.1007/s40732-018-0321-0>
- D'Ancona, M. C. (2014). Measuring xenophobia: Social desirability and survey mode effects. *Migration Studies, 2*(2), 255-280. <https://doi.org/10.1093/migration/mnt014>
- da Fonseca, E. M., Natrass, N., Lazaro, L. B., & Bastos, F. I. (2021). Political discourse, denialism and leadership failure in Brazil's response to COVID-19. *Global Public Health, 12*51-1266. <https://doi.org/10.1080/17441692.2021.1945123>
- Dasgupta, N., McGhee, D. E., Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (2000). Automatic preference for white Americans: Eliminating the familiarity explanation. *Journal of Experimental Social Psychology, 36*, 316-328. <https://doi.org/10.1006/jesp.1999.1418>
- Davis, A. (2010). Fear, dislike and hate: What constitutes xenophobia? An analysis of violence against foreigners in De Doorns, South Africa November, 2009. *Dissertação para obtenção de título de Mestre em Estudos do Desenvolvimento*. Cidade do Cabo, África do Sul.
- de Andrade, O. (1972). *Do pau-brasil à antropofagia e às utopias*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- De Master, S., & Le Roy, M. K. (2000). Xenophobia and the European Union. *Comparative Politics, 32*(4), 419-436. <https://doi.org/10.2307/422387>
- de Rose, J. C., & Bortoloti, R. (2007). A equivalência de estímulos como modelo do significado. *Acta Comportamental, 15*, 83-102.

- Defensoria Pública-Geral da União. (2021). *1º Informe Defensorial: Relatório de monitoramento dos direitos humanos de pessoas migrantes e refugiadas em RR*. DPU - Defensoria Pública-Geral da União, Comitê Temático Pacaraima/RR, Brasília.
https://www.dpu.def.br/images/stories/pdf_noticias/2021/Informe_Defensorial_Comit%C3%AA_Pacaraima.pdf
- Delfim, R. B. (10 de 03 de 2017). *Especialista critica governos e mídia sobre imigrantes venezuelanos em Roraima*. Retrieved 21 de 06 de 2021, from MigraMundo:
<https://migramundo.com/especialista-critica-governos-e-cobertura-midiatica-sobre-os-migrantes-em-roraima/>
- Dixon, M. R., Branon, A., Nastally, B. L., & Mui, N. (2009). Examining prejudice towards Middle Eastern persons via a transformation of stimulus functions. *The Behavior Analyst Today*, 10(2), 295-318. <https://doi.org/https://doi.org/10.1037/h0100672>
- Dixon, M. R., Dymond, S., Rehfeldt, R. A., Roche, B., & Zlomke, K. R. (2003). Terrorism and relational frame theory. *Behavior and Social Issues*, 12(2), 129-147.
<https://doi.org/https://doi.org/10.5210/bsi.v12i2.40>
- Dixon, M. R., Rehfeldt, R. A., Zlomke, K. R., & Robinson, A. (2006). Exploring the development and dismantling of equivalence classes involving terrorist stimuli. *The Psychological Record*, 56(1), 83-103.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1007/BF03395539>
- Dixon, M. R., Zlomke, K. M., & Rehfeldt, R. A. (2006). Restoring Americans' nonequivalent frames of terror: An application of Relational Frame Theory. *The Behavior Analyst Today*, 7(3), 275-289. <https://doi.org/https://doi.org/10.1037/h0100153>
- Dixon, M., & Lemke, M. (2007). Reducing Prejudice towards Middle Eastern Persons as Terrorists. *European Journal of Behavior Analysis*, 8(1), 5-12.
<https://doi.org/https://doi.org/10.1080/15021149.2007.11434269>

- dos Santos Vaz, F. A. (2019). “Daremos al mundo el ‘hombre cordial’”: las representaciones sobre Brasil en los libros didácticos de historia de Brasil e historia de América de Joaquim Silva. *Brocar. Cuadernos De Investigación Histórica*, 1(43), 213-228. <https://doi.org/10.18172/brocar.4222>
- EUMC. (2006). Racism, xenophobia and the media. Towards respect and understanding of all religions and cultures. *European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia 2006* (p. 40). Budapest: Elanders Ungary KFT.
- Fazio, R. H. (1990). A practical guide to the use of response latency in social psychological research. *Personality and Social Psychology Review* 11, 74-97.
- Fazio, R. H., & Olson, M. A. (2003). Implicit measures in social cognition. research: their meaning and use. *Annual Review of Psychology*, 54, 297-327. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.54.101601.145225>
- Gavin, A., Roche, B., & Ruiz, M. (2008). Competing contingencies over derived relational responding: A behavioral model of the Implicit Association Test. *The Psychological Record*, 58(1), 427–441. <https://doi.org/dx.doi.org/10.1007/BF03395627>
- Glenn, S. S. (2004). Individual behavior, culture, and social change. *The Behavior Analyst*, 27(1), 133-151. <https://doi.org/10.1007/BF03393175>
- Gobbi, E., Greguol, M., Seron, B. B., & Carraro, A. (2017). Um estudo exploratório da tendência "antiobesidade" entre professores e estudantes de educação física italianos. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, 23(3), 963-974. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.73193>
- Goldiamond, I. (1974). Toward a constructional approach to social problems: Ethical and constitutional issues. *Behaviorism*, 2, 1-84. <https://doi.org/10.5210/bsi.v11i2.92>.

- Greenwald, A. G., & Banaji, M. R. (1995). Implicit social cognition: Attitudes, self-esteem, and stereotypes. *Psychological Review*, *102*(1), 4-27. <https://doi.org/10.1037/0033-295x.102.1.4>
- Greenwald, A. G., & Lai, C. K. (2020). Implicit Social Cognition. *Annual Review of Psychology*, *71*(1), 419-445. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010419-050837>
- Hayes, S. C., Barnes-Holmes, D., & Roche, B. (2001). *Relational frame theory: A post-Skinnerian account of human language and cognition*. Plenum Press.
- Hjerm, M., & Nagayoshi, K. (2011). The composition of the minority population as a threat: Can real economic and cultural threats explain xenophobia? *International Sociology*, *26*(6), 815-843. <https://doi.org/10.1177/0268580910394004>
- Holanda, S. B. (1936). *Raízes do Brasil* (26 ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Hong, J.-W., Hong, A., & Kim, S. R. (2021). Exploring implicit and explicit attitudes of employees' authentic organizational loyalty. *Frontiers in Psychology*, *12*(1). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.666869>
- Howe, N., & Strauss, W. (2000). *Millennials rising: The next great generation*. New York: Vintage Books.
- Human Rights Watch. (2019). *World Report 2019 - Events of 2018*. Nova York: Human Rights Watch.
- Human Rights Watch. (2021). *World Report 2021 - Events of 2020*. Nova York: Human Rights Watch.
- Ijanc Neto, C. E., Picoli, A., & Aggio, N. M. (2022). Contributions of Behavior Analysis to the study of the phenomenon of xenophobia: a literature review. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *13*(2), 219-231. <https://doi.org/10.18761/PAC1a23sd5a6>

- Illieva, E. (2019). Anti-black stereotypes demonstrated relative to both white faces and neutral stimuli – A function acquisition speed test investigation. *Essex Student Journal*. <https://doi.org/10.5526/esj15>
- International Labour Office, International Organization for Migration, Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights. (2001). *International Migration, Racism, Discrimination and Xenophobia.*, (p. 29). Geneva.
- Islam, M. R., & Hewstone, M. (1993). Dimensions of contact as predictors of intergroup anxiety, perceived out-group variability, and out-group attitude: An integrative model. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *19*(6), 700-710. <https://doi.org/10.1177/0146167293196005>
- Jackson, J. L., & Atkinson, D. B. (2019). The refugee of my enemy Is my friend: Rivalry type and refugee admission. *Political Research Quarterly*, *72*(1), 6374. <https://doi.org/10.1177/10659129187761>
- Keating, L. (2017). A cross cultural analysis of implicit and explicit xenophobia. *Monografia de Bacharelado da Faculdade de Ciências Cognitivas da Universidade de Yale*, 49. New Haven, Connecticut, Estados Unidos: Yale University. <https://cogsci.yale.edu/sites/default/files/files/Thesis2017Keating.pdf>
- Kucuksen, K., & Arat, S. (2022). Examining the levels of xenophobia and global social responsibility of health sciences students: A cross-sectional study in the case of Konya. *Research Square*. <https://doi.org/10.21203/rs.3.rs-2205784/v1>
- Lalor, I. j. (2019). *Developing an empirically valid function acquisition speed test for assessing attitudes and predicting real-world behaviour*. Dissertação de Mestrado, National University of Ireland Maynooth, Department of Psychology, Faculty of Science, Maynooth. Retrieved 12 de 12 de 2022, from <https://mural.maynoothuniversity.ie/13647/>

- Lange, K., Kühn, S., & Filevich, E. (2015). Just Another Tool for Online Studies” (JATOS): An easy solution for setup and management of web servers supporting online studies. *PLoS ONE*, *10*(6), e0130834. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0130834>
- Lei nº 13.445. (24 de 05 de 2017). Lei de Migração. *Lei nº 13.445, de 24 de Maio de 2017*. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113445.htm
- Lei nº 9.474. (22 de 07 de 1997). Estatuto dos Refugiados. *Lei nº 9.474, de 22 de Julho de 1997*. Brasil. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm
- Leite, G., & Heuseler, D. (20 de 01 de 2020). *O eterno homem cordial*. Retrieved 07 de 01 de 2023, from Jornal Jurid: <https://www.jornaljurid.com.br/colunas/gisele-leite/o-eterno-homem-cordial>
- Levy, S., Vaidya, J., Dettmering, J., Siebold, A. N., Mittelman, C., & Garner, J. (2019). Addressing social and global issues: Viewing the Syrian refugee crisis through a behavior-analytic lens. *Behavior and Social Issues*, *28*(1), 77-98. <https://doi.org/https://doi.org/10.1007/s42822-019-00018-7>
- Likert, R. (06 de 1932). A technique for the measurement of attitudes. *Archives of Psychology*, *22*(140), 5-55.
- Maison, D., Greenwald, A. G., & Bruin, R. (2001). The Implicit Association Test as a measure of implicit consumer attitudes. *Polish Psychological Bulletin*, *32*(1), 61-69. <https://doi.org/10.1066/S10012010002>
- Marcelino, M. R. (2019). *Adaptação em língua portuguesa do Functional Acquisition Speed Test (FAST) para estudar estereótipo de gênero no Brasil*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Aprendizagem Humana, Multimídia Interativa e Ensino Informatizado, São Carlos.

- Marques, N. S., & de Almeida, J. T. (2021). Brazilian Presidential pronouncements in the pandemic: Effectiveness in crisis communication and rule properties. *Behavior and Social Issues*. <https://doi.org/10.1007/s42822-021-00054-2>
- Mathôt, S., Schreij, D., & Theeuwes, J. (2012). OpenSesame: An open-source, graphical experiment builder for the social sciences. *Behavior Research Methods*, *44*(2), 314-324. <https://doi.org/10.3758/s13428-011-0168-7>
- Merriam-Webster. (n.d.). *Merriam-Webster.com Dictionary*. Retrieved 12 de 08 de 2020, from Xenophobia: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/xenophobia>
- Mizael, T. M., Santos, S. L., & de Rose, J. C. (2016). Contribuições do paradigma de equivalência de estímulos para o estudo das atitudes. *Interação em Psicologia*, *20*(2), 124-134. <https://doi.org/10.5380/psi.v20i2.46278>
- Mizael, T., de Almeida, J. H., Silveira, C., & de Rose, J. (2016). Changing racial bias by transfer of functions in equivalence classes. *The Psychological record In Press*, *66*(1), 451-462. <https://doi.org/10.1007/s40732-016-0185-0>
- Moran, J. B., Goh, J. X., Kerry, N., & Murray, D. R. (2021). Outbreaks and outgroups: Three tests of the relationship between disease avoidance motives and xenophobia during an emerging pandemic. *Evolutionary Psychological Science*, *7*, 419-429. <https://doi.org/10.1007/s40806-021-00283-z>
- Mota, D. M. (2019). *Representações sociais, mídia e violência: a “construção” do migrante e da migração venezuelana em Roraima por meio dos websites da Folha de Boa Vista e Folha de S. Paulo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista. Retrieved 21 de 06 de 2021, from <http://repositorio.ufrr.br:8080/jspui/handle/prefix/205>
- Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" [NEPO]. (2018). *Migrações Venezuelanas*. Campinas: Unicamp.

- Núcleo de Estudos de População "Elza Berquó" [Nepo]. (2020). *Nova Lei de Migração: Os três primeiros anos* (Vol. 1). São Paulo, SP, Brasil: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Retrieved 02 de 12 de 2022, from https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/leimig/lei_mig.pdf
- Oliveira, M. Z., Vargas, P., & Gauer, G. (2012). Avaliação de medidas implícitas e explícitas de carreira e gênero. *Psico*, 43(4), 452-462.
- O'Reilly, A., Roche, B., Ruiz, M. R., Tyndall, I. T., & Gavin, A. (2012). The Function Acquisition Speed Test (FAST): a behavior analytic implicit test for assessing stimulus relations. *The Psychological Record*, 62(3), 507-528.
- Padır, M. A. (2019). *Examining xenophobia in Syrian refugees context: the roles of perceived threats and social contact*. Middle East Technical University. Middle East Technical University.
- Pasquali, L. (1996). *Teoria e métodos de medida em ciências do comportamento*. Brasília, DF, Brasil: INEP.
- Peres, P. (2014). A cordialidade brasileira: Um mito em contradição. *Em Debate*, 6(4), 18-34. Retrieved 03 de 12 de 2022, from <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/artigo/5-Agosto-14-Dossie-Paulo-Peres.pdf>
- Portaria nº 120. (17 de 03 de 2020). Portaria nº 120, de 17 de Março de 2020. *Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros oriundos da República Bolivariana da Venezuela, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa*.
- Portaria nº 655. (23 de 06 de 2021). Portaria nº 655, de 23 de Junho de 2021. *Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros, de qualquer nacionalidade, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa*.

Portaria nº 666. (25 de 07 de 2019). Portaria nº 666, de 25 de Julho de 2019. *Dispõe sobre o impedimento de ingresso, a repatriação e a deportação sumária de pessoa perigosa ou que tenha praticado ato contrário aos princípios e objetivos dispostos na Constituição Federal.*

Portaria nº 770. (11 de 10 de 2019). Portaria nº 770, de 11 de Outubro de 2019. *Dispõe sobre o impedimento de ingresso, a repatriação e a deportação de pessoa perigosa ou que tenha praticado ato contrário aos princípios e objetivos dispostos na Constituição Federal.*

Power, P., Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., & Stewart, I. (2009). The Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a measure of implicit relative preferences: A first study. *The Psychological Record*, 59(1), 621-640.
<https://doi.org/10.1007/BF03395684>

Pratto, F., Sidanius, J., Stallworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(4), 741–763. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.4.741>

Rayner, S. (2012). Uncomfortable knowledge: the social construction of ignorance in science and environmental policy discourses. *Economy and Society*, 41(1), 107-125.
<https://doi.org/dx.doi.org/10.1080/03085147.2011.637335>

Response for Venezuelans. (2020). *RMRP 2021 For refugees and migrants from Venezuela - Regional refugee and migrant response plan January - December 2021*. R4V - Inter-Agency Coordination Platform for Refugees and Migrants from Venezuela. R4V.
<https://r4v.info/es/documents/download/82927>

- Rinker, T. (2014). *On the Treatment of Likert Data*. University at Buffalo, Department of Learning and Instruction. Retrieved 24 de 10 de 2022, from http://www.researchgate.net/publication/262011454_Likert
- Rodrigues, W. C., Marcelino, M. R., Arantes, A., & Elias, N. C. (2022). Preconceito racial entre universitários: implicações sobre o uso do FAST no estudo da aprendizagem verbal. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 13(2), 54-69.
<https://doi.org/10.18761/PAC000774.fev22>
- Santoro, E. (2014). Estereótipos, preconceitos e políticas migratórias. *Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito*, 6(1), 15-30.
<https://doi.org/10.4013/rechtd.2014.61.02>
- Schwarcz, L. (14 de 11 de 2022). "Não dá pra passar um apagador na história", diz Lilia Schwarcz | Educação, utopias e distopias. *Café do MyNews*. (M. Luquet, Entrevistador) Retrieved 22 de 11 de 2022, from <https://www.youtube.com/watch?v=TWz1JAMQC18>
- Sidman, M. (1994). *Equivalence relations and behavior: A research story*. Authors Cooperative.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. Pelican Books.
- Skinner, B. F. (1981). Selection by consequences. *Science*, 213(4507), 501-504.
<https://doi.org/10.1126/science.7244649>
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (11 ed.). São Paulo, SP, Brasil: Martins Fontes.
- Souza, J. (20 de 04 de 2018). *Fala 'enrolada' e estereótipos*. Retrieved 21 de 06 de 2021, from Folha BV: <https://folhabv.com.br/coluna/Fala--enrolada--e-estereotipos/6049>

- Souza, R. L. (2007). As raízes e o futuro do "Homem Cordial" segundo Sérgio Buarque de Holanda. *Caderno CRH*, 343-353. <https://doi.org/10.1590/s0103-49792007000200011>
- Šram, Z. (2020). The Development of a 9-item scale to measure anti-immigrant attitude toward the middle east refugees. *Romanian Journal of Applied Psychology*, 22(2), 26-32. <https://doi.org/10.24913/rjap.22.2.01>
- Sundstrom, R. R., & Kim, D. H. (2014). Xenophobia and Racism. *Critical Philosophy of Race*, 2(1), 20-45. <https://doi.org/10.5325/critphilrace.2.1.0020>
- Tafira, K. (2011). Is xenophobia racism? *Anthropology Southern Africa*, 34(3&4), 114-121. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1080/23323256.2011.11500015>
- Torres, D. B. (2019). *Refúgio e proteção trabalhista no Brasil: um estudo a partir da cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Faculdade de Direito, São Paulo. <https://doi.org/10.11606/D.2.2019.tde-02072020-141011>
- Triandis, H. C., & Gelfand, M. j. (1998). Converging measurement of horizontal and vertical individualism and collectivism. (74, Ed.) *Journal of Personality and Social Psychology*, 118-128. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.1.118>
- United Nations High Commissioner for Refugees. (2020). *Mid-Year Trends 2020*. UNCHR - The United Nations High Commissioner for Refugees. Copenhagen: United Nations. <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5fc504d44/mid-year-trends-2020.html>
- United Nations High Commissioner for Refugees. (2022). *Mid-Year Trends 2022*. UNCHR - The United Nations High Commissioner for Refugees, Statistics and Demographics Section. Copenhagen: United Nations. Retrieved 04 de 01 de 2023, from <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/635a578f4/mid-year-trends-2022>

United Nations High Commissioner for Refugees. (2022). *UNHCR Global Appeal 2023*.

United Nations High Commissioner for Refugees. Geneva: United Nations.

Retrieved 04 de 01 de 2023, from <https://reporting.unhcr.org/globalappeal2023/pdf>

van der Veer, K., Ommundsen, R., Yakushko, O., & Higler, L. (2011). Cross-national measure of fear-based xenophobia: development of a cumulative scale. *Psychological Reports, 109*(1), 27-42. <https://doi.org/10.2466/07.17.PR0.109.4.27-42>

van der Veer, K., Ommundsen, R., Yakushko, O., Higler, L., Woelders, S., & Hagen, K. A. (2013). Psychometrically and qualitatively validating a cross-national cumulative measure of fear-based xenophobia. *Qual Quant, 47*, 1429-1444.

<https://doi.org/10.1007/s11135-011-9599-6>

Walker, S. S., & Schimmack, U. (2008). Validity of a happiness Implicit Association Test as a measure of subjective well-being. *Journal of Research in Personality, 42*(2), 490-497. <https://doi.org/10.1016/j.jrp.2007.07.005>

Watt, A., Keenan, M., Barnes, D., & Cairns, E. (1991). Social categorization and stimulus equivalence. *The Psychological Record, 41*(1), 33-50.

<https://doi.org/10.1007/BF03395092>

Yakushko, O. (2009). Xenophobia: Understanding the roots and consequences of negative attitudes toward immigrants. *The Counseling Psychologist, 37*(1), 36-66.

<https://doi.org/10.1177/0011000008316034>

Zdaniuk, A., & Bobocel, D. R. (2011). Independent self-construal and opposition to affirmative action: The role of Microjustice and Macrojustice preferences. *Social Justice Research volume, 24*(4), pages 341–364. <https://doi.org/10.1007/s11211-011-0143-6>

Apêndice A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está recebendo um convite para participar da pesquisa “Aferindo atitudes explícitas e implícitas de brasileiros relativamente a refugiados”, de responsabilidade de Conrado Estevão Ijanc Neto, estudante de mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é medir, por meio de um questionário e um teste, a percepção da população brasileira, em relação aos refugiados venezuelanos que têm chegado ao Brasil. Assim, gostaria de consultar-lhe sobre o interesse e disponibilidade para cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam sua identificação. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, ou seja, suas respostas nos questionários e na tarefa de computador, serão utilizados somente para esta pesquisa, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa por cinco anos e após esse período serão destruídos.

A coleta de dados será realizada por meio da aplicação de um questionário com quatorze afirmações, em que você manifestará o quanto concorda ou discorda de cada afirmação, e um teste interativo de associação entre palavras. Este convite é para esses procedimentos. O risco de sua participação na pesquisa restringe-se a sinais de estresse e cansaço, não ocasionando nenhum dano à sua imagem ou pessoa. Caso qualquer desconforto seja percebido, a sessão poderá ser suspensa e reiniciada posteriormente.

Espera-se com esta pesquisa, além de se conhecerem as impressões dos brasileiros sobre pessoas refugiadas, fundamentar análises futuras sobre o tema e fornecer subsídios para o planejamento de políticas públicas voltadas à questão. Sua participação, portanto, colaborará com o avanço da ciência e pesquisa, bem como com o progresso social.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou perda de benefícios. Não há despesas pessoais a você em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira pela sua participação. Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação, você poderá buscar indenização, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, você pode me contatar através do telefone 61 98130-2358 ou pelo e-mail conrado.neto@aluno.unb.br.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade de Brasília, podendo ser publicados posteriormente na comunidade científica. A equipe de pesquisa garante que os resultados do estudo serão divulgados aos participantes por meio do e-mail informado no início da sua participação, que conterá link para acesso aos resultados gerais da pesquisa, respeitando-se o sigilo dos dados individuais de todos os participantes. As análises feitas a partir dos dados obtidos e as contribuições da pesquisa para a ciência também serão apresentadas.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Você receberá uma cópia desse documento, assinada pelo pesquisador.

Apêndice B

Telas da Aplicação do Experimento

Tela inicial de boas-vindas e carregamento da aplicação.



Tela da aplicação para informação dos dados sócio demográficos

Olá! Muito obrigado pelo interesse em colaborar com esta pesquisa.
Antes de iniciar sua participação, precisamos que você informe os dados abaixo e leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), da próxima tela. Caso tenha alguma dúvida, você poderá contatar o experimentador por meio do e-mail conrado.neto@aluno.unb.br.

Informe seu e-mail:

Cidade e estado onde nasceu:

Cidade e estado onde mora:

Informe sua idade: anos

Informe seu grau de escolaridade:

- Ensino Básico (antigo Primário)
- Ensino Fundamental (antigo Ginásial)
- Ensino Médio (antigo Colegial e Técnico)
- Ensino Superior (Faculdade ou Universidade)
- Pós-Graduação (Especialização, Mestrado ou Doutorado)

Informe seu gênero:

- Feminino
- Masculino
- Outro

Tela de aceite ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está recebendo um convite para participar da pesquisa "Aferindo atitudes explícitas e implícitas de brasileiros relativamente a refugiados", de responsabilidade de Conrado Estevão Ijanc Neto, estudante de mestrado da Universidade de Brasília. O objetivo desta pesquisa é medir, por meio de um questionário e um teste, a percepção da população brasileira, em relação aos refugiados venezuelanos que têm chegado ao Brasil. Assim, gostaria de consultar-lhe sobre o interesse e disponibilidade para cooperar com a pesquisa.

Você receberá todos os esclarecimentos necessários antes, durante e após a finalização da pesquisa, e lhe asseguro que o seu nome não será divulgado, sendo mantido o mais rigoroso sigilo mediante a omissão total de informações que permitam sua identificação. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, ou seja, suas respostas nos questionários e na tarefa de computador, serão utilizados somente para esta pesquisa, ficando sob a guarda do pesquisador responsável pela

Glossário de termos apresentados no Treino

ATENÇÃO!

Antes de começarmos, é importante conhecer ou relembrar o significado de algumas palavras:

ESTRANGEIRO: Natural de outro país; a pessoa que nasceu num país ou nação diferente daquele onde nascemos.

IMIGRANTE: Pessoa que vive em um país diferente do país onde nasceu.

GRINGO: Pessoa que não nasceu no Brasil.

CONTERRÂNEO: Pessoa da mesma terra; que compartilha a mesma origem, país, cidade, região ou estado.

COMPATRIOTA: Pessoa da mesma pátria ou nacionalidade que eu ou outra pessoa.

OPORTUNISTA: Quem tira proveito das oportunidades em benefício próprio, quem se aproveita de outras pessoas, buscando vantagens pessoais.

Pressione a **TECLA ENTER** para avançar.

Tela de orientação do Questionário de Expressão de Xenofobia

A seguir, 14 afirmações serão apresentadas nesta tela.
Você deverá registrar o quanto concorda ou discorda delas,
clikando na opção que indica se:

Discorda totalmente,
Discorda parcialmente,
Discorda pouco,
Concorda pouco,
Concorda parcialmente ou
Concorda totalmente.

Pressione a **BARRA DE ESPAÇO** para começar.

Exemplo de tela do Questionário de Expressão de Xenofobia

Questionário

Tenho medo que nossa cultura seja perdida com o aumento da imigração.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Discordo pouco
- Concordo pouco
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

Tela de instruções do Pré-Treino

INSTRUÇÕES

Dentro de instantes, algumas palavras aparecerão no centro desta tela. Sua tarefa é aprender qual tecla pressionar quando uma palavra aparecer, **no menor tempo possível**.

IMPORTANTE:

Durante esta fase, você deverá pressionar apenas as teclas **Z** ou **M**. **Se você demorar** para pressionar uma delas ou **pressionar outra tecla**, sua resposta será considerada **INCORRETA**. Localize-as no teclado agora.

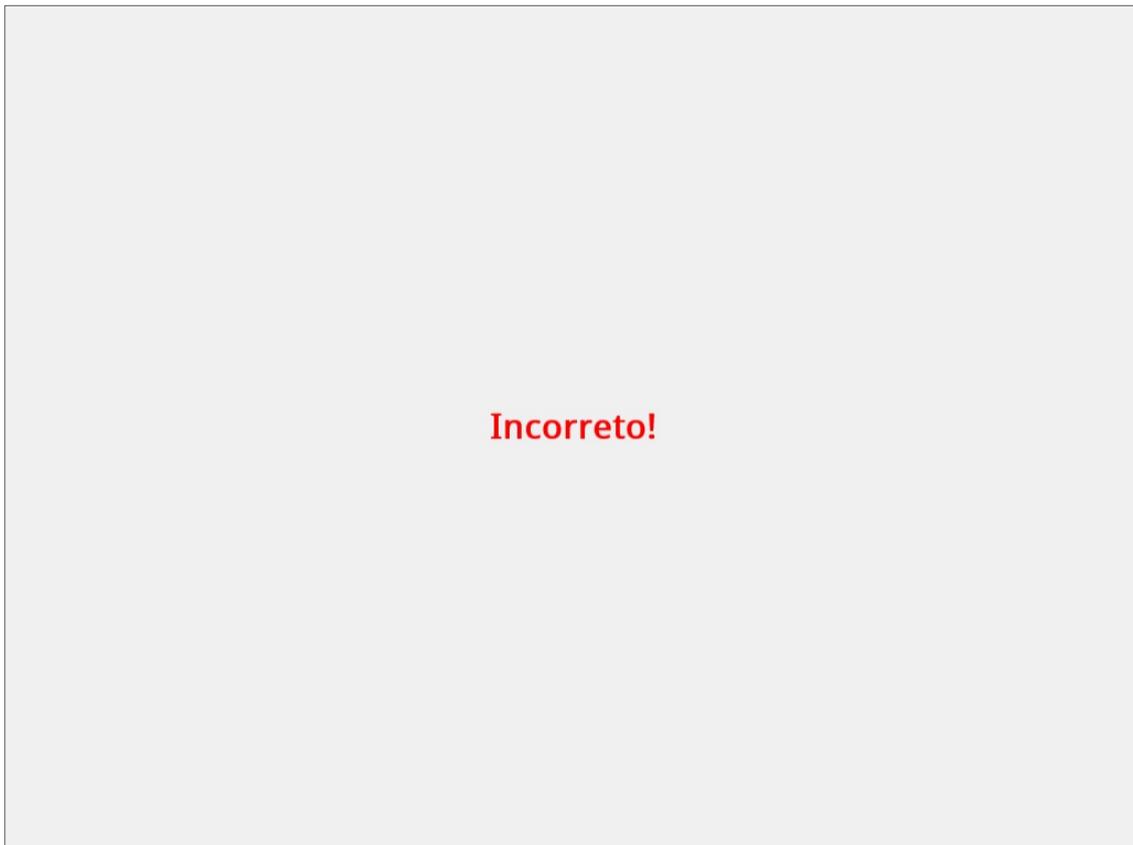
Esta sessão é só um treino para lhe dar familiaridade com a tarefa. Para lhe ajudar a aprender, será exibida uma mensagem informando se pressionou a tecla **CORRETA** ou **INCORRETA**, depois de cada palavra.

Pressione a **BARRA DE ESPAÇO** para começar.

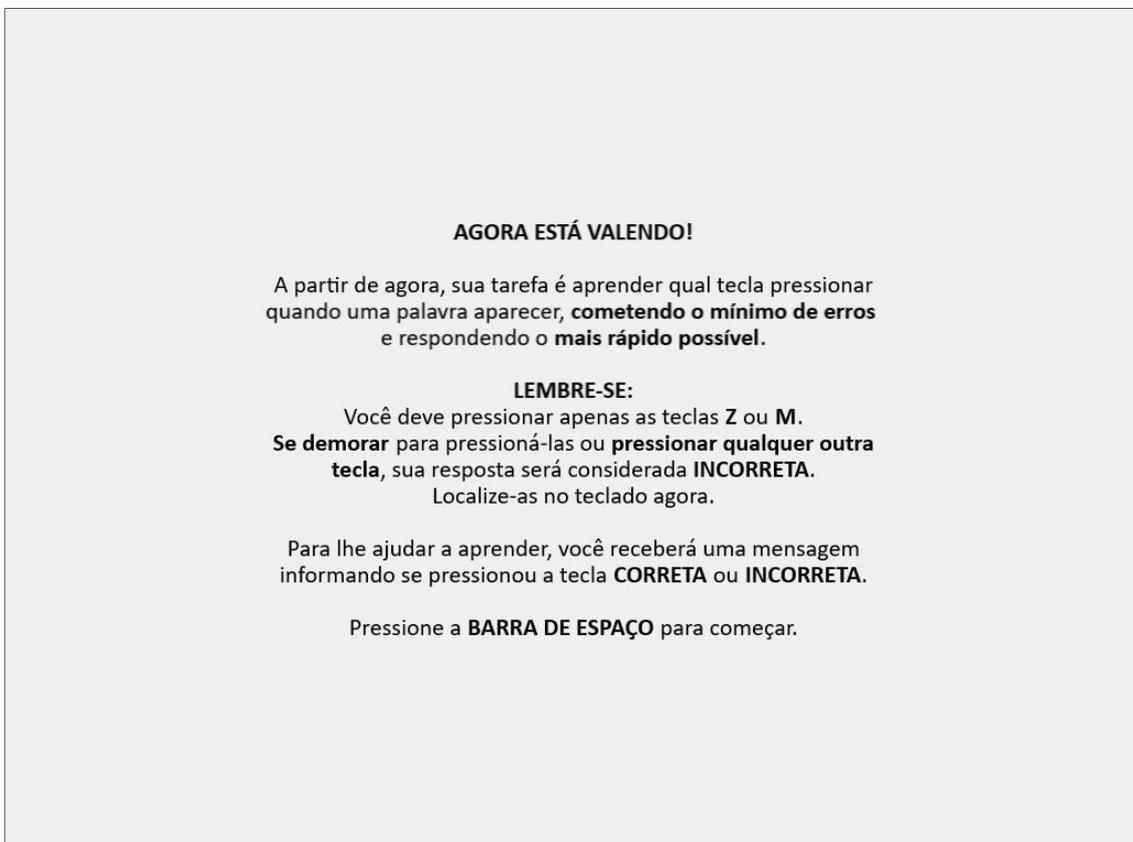
Exemplo de tela com apresentação de estímulo no Pré-Treino

AZUL

Exemplo de tela com *feedback* no Pré-Treino



Tela de instruções do 1º bloco do Treino (Consistente ou Inconsistente)



Tela de instruções do 2º bloco do Treino (Consistente ou Inconsistente)

MUITO BEM!

Agora, as palavras e teclas foram **embaralhadas**.
Sua tarefa é reaprender qual tecla pressionar quando uma palavra aparecer, **errando o mínimo possível, e o mais rápido que conseguir**.

LEMBRE-SE:

Você só pode pressionar as teclas **Z** ou **M**.
Se demorar para pressioná-las ou **pressionar outra tecla**,
sua resposta será considerada **INCORRETA**.
Localize-as no teclado agora.

Para ajudar no aprendizado, você vai receber de novo mensagens informando se pressionou a tecla **CORRETA** ou **INCORRETA**.

Pressione a **BARRA DE ESPAÇO** para começar.

Exemplo de tela com apresentação de estímulo nos blocos de Treino

NACIONAL

Tela de orientação do Questionário de Avaliação do Procedimento

Estamos acabando...

Agora gostaria de saber sua opinião sobre a participação neste experimento..

A seguir, 6 afirmações serão apresentadas nesta tela. Você deverá registrar sua opinião, indicando se:

Discorda totalmente,
Discorda parcialmente,
Discorda pouco,
Concorda pouco,
Concorda parcialmente ou
Concorda totalmente.

Pressione **BARRA DE ESPAÇO** para começar.

Exemplo de tela do Questionário de Avaliação do Procedimento

Questionário

O questionário não tem relação com a realidade.

- Discordo totalmente
- Discordo parcialmente
- Discordo pouco
- Concordo pouco
- Concordo parcialmente
- Concordo totalmente

Tela de finalização e agradecimento

TERMINAMOS!

Muito obrigado pela sua participação!

Suas respostas no Questionário e seu desempenho na Tarefa fazem parte de uma pesquisa sobre a impressão dos brasileiros, relativamente ao acolhimento de refugiados venezuelanos.

Sua participação foi de extrema importância e, além de colaborar com a pesquisa sobre o tema, contribui de inúmeras formas com o avanço da ciência.

Qualquer dúvida que você tenha, esclarecimento que gostaria de ter ou observação que queira registrar, pode ser encaminhada ao e-mail do experimentador conrado.neto@aluno.unb.br.

A MAIOR CRISE HUMANITÁRIA DO SÉCULO

Para saber mais sobre a crise de refugiados que hoje atinge mais de 82 milhões de pessoas em todo o mundo, visite o site da [ACNUR](#), a [Agência da ONU para Refugiados](#).

Para conhecer os dados sobre migrantes e refugiados venezuelanos, as principais repostas ã essa crise e iniciativas de acolhimento, acesse o site da [R4V](#), [Plataforma de Coordenação Interagencial para Refugiados e Migrantes da Venezuela](#).

Você já pode encerrar sua participação, fechando esta janela ou clicando no botão "Sair".

Sair